



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS**

O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO MILITANTE NO “NI UNA MENOS”

LARISSA DO PRADO MARTINS

BAGÉ

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CURSO DE LETRAS

O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO MILITANTE NO “NI UNA MENOS”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Fernandes

LARISSA DO PRADO MARTINS

BAGÉ

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

Martins, Larissa.

O funcionamento do discurso militante no “Ni una menos”/

Larissa Martins.

68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa,
LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2021.

"Orientação: Carolina Fernandes".

1. Discurso de resistência. 2. Mulheres latino-americanas. 3. Arte. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

LARISSA DO PRADO MARTINS

O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO MILITANTE NO “NI UNA MENOS”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 27, abril e 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Carolina Fernandes
Orientadora
(Unipampa)

Profa. Dra. Cristina Zanella
Rodrigues (IFSUL)

Profa. Dra. Paula Daniele Pavan
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **CAROLINA FERNANDES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/04/2021, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Cristina Zanella Rodrigues, Usuário Externo**, em 27/04/2021, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **PAULA DANIELE PAVAN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/04/2021, às 09:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0505079** e o código CRC **4725B9FC**.

Referência: Processo nº 23100.006247/2021-40 SEI nº 0505079

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Saionara Machado do Prado. Primeira figura feminina que tive contato na vida, e que transmitiu seus valores ao passo que também me ensinou a me posicionar e a resistir diante de qualquer opressão.

Ao meu amigo Guilherme Henrique Paro. Companheiro de muitos momentos, pelo qual tenho um grande carinho por ter me acolhido em situações difíceis ao longo da graduação, além de ter me mostrado que é preciso ter calma para lidar com as adversidades da vida.

Agradeço também à minha professora e orientadora, Carolina Fernandes que sempre admirei em segredo por ser uma mulher forte, inteligente e dedicada em tudo o que faz. E que com muita paciência me inseriu na Análise de Discurso, e me orientou garantindo que eu me sentisse confortável para questionar quando houvesse dúvidas.

Agradeço à minha amiga Alana Ernesto Leite. Mulher de fibra, e justa que me apoiou desde o início da graduação, e que me ajudou a compreender de forma mais racional que algumas escolhas devem ser feitas, e que as

mudanças fazem parte do processo de amadurecimento.

Agradeço também ao meu amigo Gilmar Ferraz Bolsan. Grande amigo, que admiro demais pela sua inteligência, polidez e determinação. E que com o seu otimismo sempre me motivou a (tentar) ser a melhor em tudo o que faço, dentro das minhas limitações.

Agradeço ao meu amigo Matheus Rodrigues dos Santos pelos inúmeros conselhos, frases de motivação e risadas que compartilhamos nessa etapa tão desafiadora da vida acadêmica. Minha eterna gratidão.

Agradeço à minha amiga Letícia Cimirro Borges. Mulher incrível, artista e mãe dedicada que sempre apoiou as minhas escolhas, na medida em que também me deu muitos puxões de orelha, quando necessário, a fim de expressar a sua preocupação diante de algumas escolhas que poderiam ter comprometido o meu propósito dentro da academia.

Sou grata ao meu amigo e colega de aula João Pedro Sgarbi, que me inseriu em seu grupo de amigos durante a graduação, apesar da minha personalidade introspectiva, e que compartilhou momentos únicos comigo, tanto como colega,

quanto na docência através do Cursinho.

Por fim, agradeço a todos os meus colegas e professores que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada e à todas as mulheres que, através de suas lutas contribuíram para que tantas, assim como eu, pudessem estar em uma academia desenvolvendo pesquisas, e levando adiante discussões que ainda precisam ser retomadas.

“Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho busca compreender como se produz o discurso de resistência na formação discursiva em que se filia o movimento *Ni una menos*, a partir dos princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de vertente materialista. Para isso, foram definidos recortes discursivos que circulam durante as manifestações, e por meio destes, buscamos entender de que forma essas mulheres resistem à ideologia patriarcal atualmente, atentando-se ao modo como os sentidos são produzidos pelo movimento. Nessa perspectiva, recorreu-se à concepção de discurso elaborada por Michel Pêcheux, e desenvolvida por Orlandi, assim como a noção de Aparelhos Ideológicos de Estado formulado por Althusser. À vista disso, a necessidade de levar adiante essa pesquisa surge do entendimento de que a formação discursiva (FD) que configura o movimento aponta para uma FD feminista, estando seus discursos em constante transformação, bem como, a ideologia que determina a produção de sentidos. Dessa forma, essa pesquisa oportuniza a expansão das possibilidades dos sentidos sob a ótica de cada sujeito que, nesse caso, se manifesta através do potencial revolucionário da arte, além de uma reflexão sobre a predominância de sentidos pela classe dominante.

Palavras-chaves: Discurso de resistência. Mulheres latino-americanas. Arte.

ABSTRACT

The present study seeks the comprehension on how the discourse of resistance is developed inside the discursive formation which filiates itself to the movement *Ni una menos*, stemming from the theoretical-methodological principles of the Discourse Analysis (DA) of materialistic strand. Thereunto, discursive clippings that circulated during the demonstrations were defined, and hereby we seek the understanding on how these women resist the patriarchal ideology nowadays, paying attention to the way the senses are sought by the movement. In this perspective, the concept of discourse elaborated by Michel Pêcheux and developed by Orlandi, as well the notion of State Ideological Apparatus formulated by Althusser were used. Therefore, the need to carry out this research arises from the understanding that the discursive formation (DF) that shapes the movement point towards a feminist DF, since their speeches are constantly changing, as well as the ideology that determines the production of meanings. Thus, this research provides an opportunity to expand the possibilities of the senses from the perspective of each subject, which, in this case, manifests itself through the revolutionary potential of art, in addition to a reflection on the predominance of meanings by the dominant class.

Key-words: Discourse of resistance. Latin-american women. Art.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2.1. Língua, ideologia e inconsciente	15
2.2. A Formação discursiva feminista	21
2.3. Materialidade, corpo e sentidos	26
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
4. UMA ANÁLISE DO DISCURSO MILITANTE NO “NI UNA MENOS”	32
4.1 Historicidade das manifestações de mulheres	32
4.2 Análises dos discursos das manifestações do “Ni una menos”	39
4.2.1 Um olhar político-discursivo nos cartazes das manifestações	41
4.2.2 Os discursos produzidos através do poema “Nenhuma a menos”	47
4.2.3 “Un Violador En Tu Camino”: A performance da coreografia Las Tesis	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	61
7. ANEXOS	64

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar os discursos materializados nas manifestações de mulheres latino-americanas que utilizam da arte para produzir seu discurso militante. Dessa forma, a pesquisa busca compreender como se configura a formação discursiva em que as mulheres se inscrevem e os efeitos de sentidos produzidos através dos discursos que circulam dentro do movimento feminista, além de refletir sobre os processos de significação do corpo e da arte como efeitos de resistência e militância política. Para isso, a partir do arquivo de pesquisa composto por imagens coletadas em sites de notícias e compartilhamento de fotos, um poema e uma performance que se relacionam com o movimento escolhido para a pesquisa, será construído o *corpus* de análise, levando em conta as trajetórias e lutas dessas mulheres, bem como a exploração do potencial revolucionário do movimento como uma ação de resistência artístico-discursiva. Com isso, as materialidades que compõem o *corpus* foram escolhidas por conta da relação que estabelecem com o movimento, e também por apresentarem diferentes formas das mulheres se manifestarem através da arte.

A manifestação¹ de mulheres que será considerada nas análises parte do movimento *Ni una menos*. No entanto, antes de analisar esses discursos assumidamente feministas, buscaremos compreender os processos que originam essas manifestações como ação política das mulheres e a influência de alguns acontecimentos na propagação dos discursos, pois, só assim, poderemos entender a configuração heterogênea dessa formação discursiva. Para isso, recorreremos à concepção de discurso trazida por Michel Pêcheux, e através de conceitos chaves que contribuirão para uma melhor compreensão dos processos discursivos que se desenvolvem no movimento em questão.

Nesses termos, a materialização do discurso militante nas manifestações pauta-se na reprodução/transformação do discurso de resistência que motiva até hoje mulheres de todo o mundo a lutar pela diminuição da desigualdade de gênero que ainda persiste no contexto latino-americano. Baseando-se nisso, o movimento “Ni una menos” foi uma marcha contra a violência de gênero e direito ao aborto legal que aconteceu em várias cidades da Argentina, Chile, Uruguai e México entre 2015 e 2016. Os protestos foram

¹Tem-se a *manifestação* como o ato de manifestar-se, sendo a materialidade que será analisada. Já a concepção de *movimento* representa ações de resistência que promovem e buscam rompimento com a ordem dominante.

desencadeados pelo estupro e assassinato frequente de jovens nessas regiões, e que põe em questão o porquê dessa forte violência baseada em gênero, e que provoca uma maior revolta das mulheres, pois quanto mais lutam, mais motivos têm para lutar. Dessa forma, iremos analisar a formação discursiva em que se inserem os sujeitos-mulheres considerando o lugar na formação social em que as mesmas ocupam em oposição ao lugar ocupado por homens, e explorar a formação imaginária deles a partir do que se pode entender no *corpus* de análise, pois as mulheres resistem à opressão dos homens que é construída a partir dessa construção ideológica de que a mulher deve assumir um determinado papel com relação a eles. Além disso, analisaremos de que forma ocorre a materialização desses discursos, seja através dos textos exibidos em cartazes ou por meio de manifestações corporais que se apresentam nas imagens. Com isso, a partir dessas materialidades, serão analisados os processos discursivos, a fim de atentar-nos aos sentidos produzidos pelo *corpus* de análise que circulam nessa manifestação a partir da ideologia de sua época.

No entanto, notamos que há um comportamento divisório entre mulheres que têm suas lutas individuais, e aquelas que questionam a importância das causas feministas. Sobre essa discordância é possível refletir sobre a influência da ideologia do patriarcado nos discursos de mulheres que não creditam as lutas feministas. Lutas que buscam direitos igualitários entre homens e mulheres e que as incluem nessas reivindicações. Pensar nos acontecimentos históricos e discursivos que surgiram ao longo dos séculos relacionados à formação discursiva feminista nos faz refletir também sobre a resistência da luta diária de cada mulher.

Portanto, devemos lembrar que houve uma tendência ao conservadorismo na América Latina nos últimos tempos, e por isso, muitos países vivenciaram uma progressão quanto aos debates em torno das questões feministas, além de temas como assédio, aborto, maternidade e carreira, e tudo isso porque as mulheres vêm ganhando espaço nesse cenário. No entanto, muitas das reivindicações que protegem os direitos das mulheres ainda não foram atendidas porque, apesar da maioria da população que se encontra nesses países e do eleitorado serem mulheres, elas sequer ocupam uma parcela considerável nos cargos eletivos. Dessa forma, suas demandas deixam de ser atendidas, pois as decisões acabam sendo tomadas por homens, e, muitas vezes, até mesmo por mulheres que também são afetadas pela ideologia do patriarcado ou que validam seu discurso a partir do aparelho ideológico religioso.

Com isso, viu-se a necessidade de procurar compreender, a partir da Análise do Discurso, o modo de funcionamento do discurso de resistência dos movimentos feministas através do seu potencial revolucionário e em frente aos retrocessos políticos que se dão por meio de discursos “anti-feministas”, além da influência de determinados aparelhos ideológicos que polarizam discursos na conjuntura atual. Em suma, esse assunto torna-se necessário visto a possibilidade da perda de direitos já conquistados pelas mulheres, além dos casos de violências e feminicídio que ainda progridem. Embora existam leis, não há garantias de que as mulheres estarão protegidas. Por isso, a luta segue e as demandas crescem à medida que a desigualdade de gênero aumenta.

Tendo essas informações, nos próximos capítulos iremos investigar como se produz o discurso militante no movimento *Ni una menos* a partir do dispositivo teórico-analítico da AD, e só então faremos as análises a partir do material coletado. Para isso, apresentaremos alguns dados históricos que antecedem o movimento em análise, e logo depois, traremos as materialidades que serão analisadas. Assim, construiremos um dispositivo de análise para que possamos compreender a formação discursiva das mulheres que produzem tais discursos através das manifestações artísticas, e os possíveis sentidos produzidos em sua particularidade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Língua, ideologia e inconsciente

Antes de tratarmos aqui sobre os conceitos da Análise de Discurso, precisamos retomar a linha teórica estruturalista fundamentada por Ferdinand de Saussure que antecede os estudos da AD, sendo este o precursor das práticas de análise da língua. Saussure, foi um linguista e filósofo, considerado o fundador da linguística como ciência moderna, e que entendia a língua como um sistema de signos de forma a se apresentar como estrutura regulamentada em que os seus usos definem-se por meio de uma série de regras que resultam na comunicação entre os falantes. Partindo desse cenário, podemos considerar a AD um campo que contrapõe a linguística Saussureana, não levando em conta apenas a língua e a fala.

Nesse contexto, Análise de Discurso de vertente materialista teve seu início na década de 1960, na França, sendo fundada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, que acreditava na língua como algo que se constitui a partir da complexidade da produção dos sentidos. Para ele, o dizer adquire sentidos a partir das formações ideológicas nas quais um determinado discurso se inscreve. Desse modo, a AD fundará seu escopo teórico a partir de “outras áreas de saber, como a psicanálise, o marxismo, a lingüística e o materialismo histórico” (PÊCHEUX, 1997, p.3), ao se integrar ao corpo teórico do discurso, abandonando as dicotomias propostas pelo *Curso de linguística geral* e se ajustando à especificidade e à ordem própria da rede discursiva.

A AD só se introduziu de verdade após o Maio de 68, que foi o maior movimento de contestação universitária na França contra o conservadorismo vigente nas relações entre estudantes, e que exigia reformas no sistema educacional francês. Assim, também foi um período de questionamentos, o que culminou em uma série de alterações que marcaram o fim da hegemonia de conceitos predominantes, a fim de desvincular os estudos da língua e do formalismo estruturalista. No entanto, com o abalo do estruturalismo, alguns teóricos também passaram a questionar essa perspectiva na tentativa de se libertar das estruturas de “alienação”.

Dessa forma, na década de 70 alguns estudiosos fizeram uma releitura das teorias Saussurianas, o que fortaleceu os estudos da AD. Deste modo, os discursos de resistência da época se tornaram simbólicos e atemporais, pois tratavam de questões que ainda estão nos debates atuais sobre a educação, de modo que o papel da ideologia foi fundamental no processo de transformação desses discursos, bem como, no campo

acadêmico. Tendo isso, “após esse movimento a semiótica (ramo mais formal da linguística) é mais divulgada. A linguística é considerada como o elemento de união das ciências humanas, ciência que serve de modelo para outras disciplinas (SOARES, 2005, p. 29)”. E, a partir disso, se plantaram sementes da força do feminismo, da ecologia, dos direitos homossexuais, e tudo isso sublinhou o entendimento de que a revolução e as melhorias não deveriam se dar somente no escopo da política institucional, mas também na libertação da vida, das pessoas no aspecto simbólico e comportamental. Assim, “o discurso 68 entra nas universidades enquanto a vivência de 68 está fora delas e presente nas mulheres, nos homossexuais, nos trabalhadores imigrados, que mudam a sociedade (SOARES, 2005, p. 31)”. Por outro lado, Pêcheux iniciava seus estudos em torno da AD, dando ênfase na *Análise Automática do Discurso*, conhecida por AAD-69, assim ele:

buscou um método automático de análise de textos com a ajuda de programas de computador, cujo suporte lógico fornecia algoritmos específicos para a análise de cada *corpus*. O grupo trabalhou na formulação dessa prática teórico-metodológica entre o fim dos anos 60 e o início dos anos 80, obtendo alguns avanços e muitas críticas durante a fase de sua validação (FERNANDES, 2019, p. 136)

Com isso, a partir da Análise de Discurso será possível afirmar que: “a língua lógica está no imaginário, sem o saber e confundindo este último com o espetacular, considera-se simbólica” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 47). Isso porque ao comportar outras áreas, a AD irá considerar também a relação entre inconsciente e a ideologia, pois é a partir da relação material entre eles, que o sujeito irá construir o seu dizer, ainda que o dito nos traga novos sentidos. Assim:

Pêcheux se colocou entre o que podemos chamar de "sujeito da ideologia". Isto teve um peso sobre toda sua obra e não apenas naquilo que se pode encontrar em *A análise automática do discurso*. (GADET, 1997, p. 34)

Dessa forma, devemos considerar que todo o sujeito é interpelado pela ideologia, e podemos confirmar isso através da língua quando nos deparamos com dois falantes que em suas falas apresentam uma certa contradição. Cada sujeito produzirá sentidos para seus enunciados através de outros enunciados ditos anteriormente e recuperados pelo interdiscurso de modo inconsciente, e por meio deste, será constituído o discurso. Entretanto, os discursos trarão uma gama de possibilidades de interação, e conseqüentemente, a ideologia do sujeito irá se vincular ao dizer, ainda que não haja uma ideologia individual de que o sujeito tome posse.

Para formular sua teoria discursiva, Pêcheux se apoia no pensamento do filósofo

Louis Althusser que acreditava que o sujeito se apropria de uma ideologia que não é própria, da mesma forma que as diferentes ideologias podem se materializar no dizer. Assim, será a partir das contradições ditas anteriormente que teremos diferentes ideologias, que encontraremos através dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Contudo, Althusser quis dizer que será “sob a condição de interpretar a transposição (e a inversão) imaginária da ideologia, chega-se à conclusão de que na ideologia “os homens se representam sob uma forma imaginária as suas condições de existência reais” (ALTHUSSER, 1980, p. 78-79). Em suma, toda e qualquer interpretação de algo reflete, em teoria, uma formação imaginária do mundo formulada por uma ideologia, e serão as condições de existência do homem que fará com que uma dada formação imaginária produza a impressão de realidade.

Entendendo essas noções compreende-se também que o sujeito assujeitado é “interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do sujeito, portanto para que aceite (livremente) a sua sujeição” (ALTHUSSER, 1980, p. 113)” de forma que realize sozinho os gestos e atos da sua sujeição. Assim, o assujeitamento diz respeito ao processo de interpelação do sujeito pela ideologia da classe dominante, o que confirma a ideia de que sempre haverá aquele que domina e o que será dominado, e o sujeito que se recusa a assujeitar-se será considerado o “mau sujeito”. Por isso, para Althusser:

os sujeitos “andam”, “andam sozinhos” na imensa maioria dos casos, com exceção dos “maus sujeitos”, que provocam a intervenção deste ou daquele destacamento de aparelho (repressivo) de Estado. Mas a imensa maioria dos (bons) sujeitos anda bem “sozinha”, isto é, pela ideologia (cujas formas concretas são realizadas nos Aparelhos Ideológicos de Estado). Inserem-se nas práticas, regidas pelos rituais dos AIE. (ALTHUSSER, 1980, p. 112)

Mesmo existindo essa relação de poder estabelecida pela classe dominante, haverá casos em que o sujeito não irá se identificar com esse assujeitamento ou com as reproduções do que é dito, pois acredita que em sua fala está a origem do discurso. Assim, ele “esquece” que é assujeitado pela ideologia e passa a ter a ilusão de ser dono do dizer já dito, logo, esse acontecimento é trazido por Pêcheux e Fuchs no texto *Por uma análise automática do discurso (1997)* sendo nomeado como esquecimento nº 1. Então diremos que será a partir do *recalque do inconsciente* que o sujeito-falante não poderá "por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina" (PÊCHEUX, 1995, p. 173).

Dessa forma, na AD é preciso levar em conta a materialidade do discurso, sendo a língua a base material do processo discursivo para as análises, mas essa materialidade

nos faz questionar se o que é dito está sendo entendido conforme a intenção daquele que enuncia. Com isso, através do esquecimento nº 2, há a ilusão da transparência do dizer em que o sujeito trará consigo essa falsa ilusão, acreditando ter o domínio dos sentidos que produz, sem levar em conta as condições de produção. Nesse caso, teremos um sujeito-falante que "seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase" (PÊCHEUX, 1995, p. 173). No entanto, a linguagem é opaca, e por isso é impossível haver um controle dos sentidos produzidos na interpretação.

Esse ponto é posto em questão devido à relação que se estabelece entre o inconsciente e a ideologia, assim, será a partir desses discursos que iremos reconhecer uma dada ideologia de uma determinada época. Trata-se, nesse caso, da:

mediação entre linguagem e ideologia, eixo básico da AD, se dá sob a perspectiva do materialismo histórico, que tem em Althusser seu principal inspirador. Vem daí também a influência da concepção de sujeito, que vai ganhar sua feição primordial, enquanto sujeito interpelado, assujeitado ideologicamente e produto de determinações, por influência direta do materialismo histórico. (FERREIRA, 2010, p. 4)

Tendo como base esses conhecimentos, compreendemos que a proposta de Pêcheux é de considerar que os conceitos de *inconsciente* e *ideologia* estarão sempre ligados, e que a materialidade linguística é histórica, assim como ela também dará corpo ao sentido ou a ideologia, uma vez que um depende do outro no processo de constituição dos sentidos. Entretanto, também não poderá existir diferentes ideologias se não houver contradições. Por isso:

diremos que as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, entre si os "processos discursivos", na medida em que se inscrevem as relações ideológicas de classes. (PÊCHEUX, 1995, p. 93)

As condições de produção determinam os processos discursivos. Por isso, a historicidade de cada discurso e a formação social serão elementos importantes para a AD porque será por meio deles que poderemos identificar qual a ideologia dominante da época, ao passo que também reconheceremos a ideologia dominada. A história é, portanto, "um imenso sistema *natural-humano* em movimento, cujo o motor é a luta de classes" (PÊCHEUX, 1995, p. 152) que se dá a partir do processo de produção/transformação e que comporta diferentes posições de classes, e os Aparelhos Ideológicos de Estado, já mencionados antes, serão palco dessa luta. Dessa forma, os AIEs serão as instituições influentes na sociedade, tais como: as escolas, igrejas,

ambientes jurídicos, políticos, sindicais e até mesmo familiar. Neste último, podemos considerar a posição da mulher enquanto sujeito que é assujeitado à FD machista, que é interpelado pela ideologia do patriarcado. Por isso, é muito comum a não percepção do sujeito sobre o fato de estar sendo assujeitado à ideologia dominante.

Nesse caso, a transformação desses discursos ocorre a partir de uma FD dominante que constrói um imaginário predominante sobre o sujeito de acordo com uma determinada ideologia. Dessa forma, o acontecimento discursivo vem romper com a FD dominante, fazendo com que os sentidos deslizem e se ressignifiquem instaurando novos sentidos. Por isso, “o acontecimento discursivo é, pois, decisivo para que novos sentidos se façam ouvir, mas ele não possui o poder de fazer calar, de apagar a memória dos sentidos antes já-lá” (INDURSKY, 2003, p. 119). Já o acontecimento enunciativo não chega a romper com a FD dominante, pois ele seria uma mudança no modo de dizer enunciado, ou seja, na produção de enunciados.

Enquanto isso, a ideologia dominante é assegurada como um mecanismo de produção do imaginário que produz o efeito de verdade, como acontece no imaginário sobre a mulher produzido pela ideologia patriarcal que é dominante. Assim, podendo ser responsável por fortalecer tradições e crenças das mais comuns como por exemplo, os papéis estabelecidos entre homens e mulheres que são alvo de reproduções e, por isso, persistem até hoje. Podemos encontrar a divisão desses papéis quando nos deparamos com pessoas que acreditam que o lugar da mulher deve ser dentro de casa, assumindo as tarefas domésticas, assim como toda a responsabilidade com os filhos, enquanto o homem se encontra no ambiente de trabalho, tomando o lugar de “chefe de família”, o que reforça o imaginário sobre a mulher produzido pela ideologia patriarcal que, nesse caso, é a dominante. No entanto:

para Lacan, para que uma coisa exista é preciso que haja um furo em algum lugar. O sujeito do inconsciente nasce nesse furo, nesse lugar vazio, onde se ergue o obstáculo de uma impossibilidade. O real escapa à simbolização e se situa à margem da linguagem; não há meio de apreendê-lo a não ser pelo simbólico. Real e furo estão, portanto, intimamente articulados. Tanto o sujeito quanto a linguagem comportariam esse furo. (FERREIRA, 2010, p. 9)

A partir dessa reflexão conseguimos avaliar a importância que se faz as noções da psicanálise no âmbito da Análise de Discurso, ainda que não seja levado em conta apenas o inconsciente. Nesse caso, entendemos que trazer:

a psicanálise para o campo epistemológico da análise do discurso, significa deixar entrar com força outra concepção de sujeito, um sujeito clivado, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o moldam. (FERREIRA, 2010, p. 6)

O sujeito, apesar de poder alterar a história a partir das suas ações, não é livre para ser como quiser, pois ele pode se apresentar por meio da história, do social e até mesmo do local geográfico onde se encontra e isso sim poderá determinar os seus discursos, o seu modo de agir e até mesmo o que pode parecer razoável ou não para ele, e por trás de todas essas questões temos a luta de classes como um fator que pode mover a história e que indica as vontades particulares de cada um. Por isso, segundo Pêcheux:

Ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso "ousar pensar por si mesmo". (PÊCHEUX, 1995, p. 304)

Levando em conta que a reprodução dos discursos que acontecem em um determinado tempo e espaço podem garantir a dominância de um sujeito sobre o outro, podemos pensar que as transformações desses discursos irão acontecer por meio de condições de produção específicas que podem gerar o rompimento de uma formação imaginária, como ocorre na FD machista que entende que o lugar da mulher deve ser submissa ao homem. Assim, esses discursos produzem um imaginário cristalizado sobre a mulher, pois a partir deles as mulheres não teriam a possibilidade de estar em outra posição, sem ser a que é pensada e enunciada pela FD machista. Tendo isso em conta, entendemos que através das manifestações as mulheres podem reivindicar um novo lugar para si, e a partir do momento que os discursos feministas começam a circular acontece uma mudança no discurso dentro de uma FD feminista. Com isso, entendemos que será a partir da circulação dos discursos produzidos pela FD machista que surge a FD feminista, por isso, Pêcheux dirá que “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 1995, p. 304).

Dessa forma, não poderíamos analisar o discurso sem avaliar o seu contexto histórico. “Afim, a história intervém na língua e no processo de constituição dos sentidos” (FERREIRA, 2010, p. 3). Em vista disso, acreditamos que o discurso não reflete de forma explícita de que forma o sujeito se identifica com a ideologia para que os discursos se constituam, sendo necessário avaliar os processos discursivos em que ele acontece porque o mesmo se dá por meio da opacidade da linguagem que nos traz múltiplas possibilidades significativas, sendo assim, os sentidos podem se deslocar ou se configurar conforme o contexto sócio histórico-ideológico em que eles circulam. Portanto, para constituição do sentido é levado em conta o real da linguística, da história

e da psicanálise, e será a partir de um recorte de pontos específicos de cada campo que eles irão se articular e se relacionar compondo um novo objeto de estudo, o discurso, e a este temos acesso através língua. Dessa forma, a língua e toda a materialidade significativa será a materialização dos discursos que dá forma material aos efeitos de sentido.

Entendendo que a noção de discurso compreende a palavra em movimento, as concepções estruturalistas são deixadas de lado para que se possa observar o sujeito e as formações discursivas, já que a linguística tem seus limites e não poderia explicar o funcionamento do discurso. Assim, deixaremos para falar sobre as FDs no capítulo a seguir.

2.2. A Formação discursiva feminista

Ao tratarmos sobre o discurso precisamos pensar de que forma a linguagem, a história e o inconsciente estarão ligados no processo de constituição dos sentidos. Dito isso, quando analisamos um enunciado precisamos observar cada um desses aspectos relacionando-os antes de serem atribuídas significações. A partir dessas questões, surge o conceito de Formação Discursiva, sendo criado por Michel Foucault e reformulado por Michel Pêcheux que centraliza as suas pesquisas focando na noção de ideologia, já que entendendo este conceito poderemos compreender de que forma a ideologia se materializa no discurso. Assim, Pêcheux dirá que:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e o que deve ser dito*, articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

A partir disso, o autor compreende que as formações discursivas se diferem, pois são constituídas pela ideologia, e será por meio da especificidade de cada FD que encontraremos lacunas que impedirão a cristalização dos sentidos. Por isso, diremos que será por meio de um conjunto de procedimentos de análise que compreenderemos o modo de configuração da formação discursiva que determina os sentidos que circulam nas manifestações. Assim, as formações ideológicas serão entendidas como um conjunto de ideias e representações de uma determinada classe social que impõe o que se deve dizer, sejam sobre questões políticas, étnicas ou familiares. Tendo essas informações, entendemos que:

o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece "a cada sujeito" sua "realidade", enquanto sistema de evidências e significações percebidas - aceitas - experimentadas. (PÊCHEUX, 1995, p. 162)

Dessa forma, é moldado um modo de dizer e pensar, como vemos nas formações imaginárias. Além disso, encontraremos as formas ideológicas nas lutas de classes através dos AIEs, pois cada aparelho ideológico trará em sua individualidade as suas lutas e reivindicações sendo um sujeito dominante ou dominado. Isso porque o sujeito será interpelado por uma ideologia, e a história que nesse caso será “determinada em última instância pela luta de classes” (ALTHUSSER, 1970, p. 74). Com isso, haverá uma disputa por sentidos e significação entre as classes, e os AIEs serão palco dessa luta ideológica.

Nesse caso, a AD irá se encarregar dos aspectos em torno da forma que o sujeito materializa o discurso que é determinado pela ideologia em um determinado contexto histórico, definindo assim, os grupos com os quais cada sujeito se identifica. Por isso, a apropriação da noção de formação discursiva de Foucault se dá a partir do momento em que Pêcheux pensa na FD como aquilo que pode e deve ser dito num determinado contexto social ou determinada situação levando em conta o elemento ideológico, e o interdiscurso será aquilo que o sustenta, pois mesmo que ele não seja dito estará produzindo sentido na formação de uma determinada região de sentido. Para Orlandi, o interdiscurso:

É definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (2012, p. 31).

Dessa forma, encontraremos diversos sujeitos discursivos que são marcadas por um grupo de falantes de uma determinada época, e que são distribuídas de acordo com certas questões sociais, pois “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente (ORLANDI, 2012, p. 43). À vista disso, teremos formação discursiva feminista que surge como uma oposição e denúncia da condição de opressão às mulheres pela ideologia patriarcal que se apresenta no discurso pela formação discursiva machista, visto que grande parte da cultura atual está alicerçada numa sociedade patriarcal de dominação masculina. Nesse sentido, a filósofa existencialista

Simone de Beauvoir irá por, meio da obra *O segundo sexo*, apresentar a sua noção sobre o feminismo contrapondo concepções de alguns filósofos, e tendo como ponto de partida os papéis entre homens e mulheres pré-estabelecidos pela sociedade:

Com o advento do patriarcado, o macho reivindica acremente sua posteridade; ainda se é forçado a concordar em atribuir um papel à mulher na procriação, mas admite-se que ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador. Aristóteles imagina que o feto é produzido pelo encontro do esperma com o mênstruo; nessa simbiose a mulher fornece apenas uma matéria passiva, sendo o princípio masculino, força, atividade, movimento, vida. (BEAUVOIR, 1970, p. 29-30)

Por outro lado, entendemos como acontece a determinação de sentidos para a construção dos imaginários sociais de mulheres e homens, assim como a antiga crença de que o homem seria aquele que dava vida ao feto, ainda que mulher fosse o meio de sustentação dele. A ideologia da época permitia esse tipo de constatação, visto que muitos filósofos faziam as suas pesquisas em torno da relação do homem com outras espécies, o que fortalecia a visão do homem como um “macho” que domina a fêmea, e põe a mesma numa posição de submissão. O feminismo, por sua vez:

não surgiu das mulheres que são mais vitimizadas pela opressão machista, das mulheres agredidas todos os dias, mental, física e espiritualmente – as que são impotentes para mudar sua condição na vida. Estas são a maioria silenciosa. Uma marca de sua condição de vítimas é que o fato de aceitarem sua sina na vida sem questionamento visível, sem protesto organizado, sem fúria ou raiva coletivas (HOOKS, 2015, p. 193)

O que gera a revolta de outras mulheres que, ao contrário destas, conseguem resistir, tornando visível a urgência de reivindicar através de manifestações uma transformação no sistema político que passa a se constituir de forma organizada em busca de uma sociedade mais justa que atenda a especificidade da desigualdade de gênero.

A formação discursiva feminista tem seu efeito de origem² na Revolução Francesa quando as mulheres que lutaram junto aos homens, foram enganadas, assujeitadas e submetidas a leis que inicialmente prometiam direitos e liberdade para todos. A participação das mulheres na Revolução Francesa teve seu início quando o governo francês entrou em um grande colapso que gerou pobreza e fome a toda a sua população. Por isso, pouco depois da Queda da Bastilha, houve a marcha sobre Versalhes encabeçada por milhares de mulheres que foram até a residência real protestar sobre o preço do pão, a crise do trigo e a escassez de alimentos. Essas mulheres ficaram

² “Consideramos o movimento de mulheres organizado a partir da Revolução Francesa como “efeito de discurso fundador” do movimento feminista com as sufragistas, tendo a participação de mulheres negras, camponesas, indígenas, curdas e entre outras.

conhecidas como *heroínas da marcha*, e foram reverenciadas por toda a elite francesa a favor da revolução. Dessa forma:

As classes subalternas movimentaram-se pela primeira vez dentro de substancial e atividade política, familiarizando-se com o que consideravam seus direitos, abrindo assim um espaço para que as mulheres se incluíssem no escopo dos debates mais candentes. (PRIORE, 1989, p. 93)

No entanto, quando as mulheres começaram a exigir medidas radicais dentro dos grupos, questionar sobre a ausência do voto universal, assim como a participação delas nas assembleias oficiais, elas pararam de ser vistas apenas como excêntricas e passaram a serem vistas como uma ameaça à unidade do poder jacobino. Para eles:

A audácia de um sexo e a fragilidade do outro deviam retratar as relações de força que regiam o comportamento de homens e mulheres. O contrário provocaria a perda irremediável do gênero humano, pois a mulher, com sua influência deletéria, trazia em si um germe da tirania e da destruição. (PRIORE, 1989, p. 90)

Nesse contexto, podemos observar a forte presença do fortalecimento do imaginário da formação discursiva machista que entende que o papel da mulher está vinculado ao assujeitamento das mulheres às determinações dos homens. Assim, “os defeitos femininos não passavam de uma resposta às injustiças de que eram vítimas as mulheres, reduzidas à existência dentro do casamento e da maternidade” (PRIORE, 1989, p. 91).

Apesar das reivindicações das mulheres francesas não serem atendidas, outros grupos de mulheres se reuniram através do movimento feminista, em busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Com isso, surgiram as três ondas feministas que marcaram a história de luta das mulheres por igualdade política, social e cultural. A *primeira onda feminista (1850)* ficou conhecida pela representatividade das mulheres nos movimentos sufragistas, e tinha como objetivo a busca pelo direito ao voto, além da igualdade de gênero. Já na *segunda onda do feminismo (1960)* ocorre a ampliação dos debates em torno da sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos e as desigualdades. E por último, temos a *terceira onda (1990)* que visa desafiar e evitar as definições do feminino determinadas pela segunda onda, tendo uma maior participação de outros grupos de mulheres.

Todas as reivindicações trazidas até então fazem parte da formação discursiva feminista. Assim, o movimento feminista por ser heterôgeneo abre espaço para que diferentes mulheres com suas lutas específicas façam parte dele, sendo excludente apenas quando se trata do feminismo radical. Tendo isso, quando pensamos o sujeito na

AD ele é sempre interpelado pela ideologia, por isso, ao falarmos do sujeito no discurso temos que levar em consideração a questão de se representar no discurso por meio da noção de posição-sujeito. Dessa forma, cada grupo de mulheres que se encontra dentro da FD feminista, irá comportar diferentes posições-sujeito. Por isso, Pêcheux irá dizer que “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2012, p. 43).

E será a partir dessas diferentes posições-sujeito que os discursos serão analisados, levando em conta não só a ideologia e o contexto histórico daquele que enuncia, como também o lugar que ocupa o sujeito em determinada formação social, o que determina também seu lugar de fala. Com isso, o conceito de lugar de fala é definido pela filósofa Djamila Ribeiro na obra *O que é lugar de fala?*:

o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. As reflexões e trabalhos gerados nessas perspectivas, consequentemente, foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. (2017, p. 33)

Através da materialidade discursiva conseguiremos distinguir os discursos de sujeitos que assumem uma determinada posição numa FD, como o de uma mulher negra e o de uma mulher branca, assim como os discursos de uma mulher que é mãe ou de outra que trará em sua fala vivências particulares que só ela dará conta. E essas diferentes mulheres carregam em seus discursos lutas específicas, ainda que a formação discursiva feminista possibilite a união delas por meio de reivindicações em comum. Com isso, as formações discursivas serão um modo de materializar os discursos por meio da linguagem. Dessa forma, os discursos serão a materialização da ideia de posse a qual as mulheres resistem, assim como será a partir da materialidade dos discursos do sujeito que haverá a constituição dos sentidos. Por isso, faremos as análises através da AD que se encarrega de observar essa materialidade, a fim de compreender as significações possíveis dos discursos produzidos por cada posição-sujeito que é interpelado pela ideologia. E será por meio desses elementos, que poderemos observar de que forma os conceitos da AD se relacionam. Com isso, no próximo capítulo explicaremos de que forma ocorre a materialização dos discursos.

2.3. Materialidade, corpo e sentidos

A Análise de Discurso proposta por Pêcheux busca analisar de que forma a ideologia se materializa na linguagem, assim como as suas diferentes manifestações que se dão através dos mecanismos de significação. Dessa forma, para analisarmos um discurso, devemos compreender “como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (ORLANDI, 2012, p. 26) .

Considerando que todos os sentidos produzidos pelo discurso são historicizados de maneiras distintas, e que eles podem assumir posições dentro de uma formação discursiva pela qual o discurso se materializa, devemos pensar acerca de como esses discursos são construídos, bem como os efeitos de sentidos possíveis entre locutores. Nesse caso, as relações de produção serão reproduzidas pela materialidade do processo de produção e circulação. Assim, a ideologia será representada na “relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1970, p. 77), pois está precisamente presente nesses mesmos processos.

Diremos, portanto, considerando apenas um sujeito (tal indivíduo), que a existência das ideias de sua crença é material, porque suas *ideias são actos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais que são também definidos pelo aparelho ideológico material de que revelam as ideias desse sujeito.* (ALTHUSSER, 1970, p. 88-89, grifos nosso)

No entanto, nem sempre temos consciência dos possíveis sentidos de um discurso que está inserido em um determinado contexto e que é interpelado pela ideologia porque ficamos presos ao que queremos dizer ou no que se apresenta diante dos nossos olhos. Por isso, olhar para a materialidade de um discurso requer compreensão sobre “as condições que constituem o que chamamos de as *condições ideológicas da produção/transformação das relações de produção*” (PÊCHEUX, 1995, p. 191) e que se repercutem, como deslizamentos “no todo complexo das ideologias teóricas sob a forma de *relações de desigualdade-subordinação que determinam os "interesses" teórico em luta numa conjuntura dada*” (PÊCHEUX, 1995, p. 191).

Através das diferentes materialidades do discurso e das relações que ele produz, temos o simbólico da incompletude e da contradição social, e é por meio deles, que encontraremos os deslocamentos que expõem o sujeito aos sentidos. Dessa forma, a materialidade é compreendida como o modo significativo pelo qual o sentido se estabelece numa relação entre língua e história.

Já as condições de produção estarão ligadas ao contexto histórico e social de uma

específica conjuntura social que pode determinar todo o dizer, assim como, a linguagem de um sujeito. Com isso, as condições de produção de uma sociedade pode determinar a interpelação do indivíduo a ser sujeito, ao mesmo tempo em que essas condições terão uma relação de produção cultural com o regime político de um contexto histórico. Por isso, diremos que:

A história da produção dos conhecimentos não está acima ou separada da história da luta de classes, como o "bom lado" da história se oporia ao "mau lado"; essa história está inscrita, com sua especificidade, na história da luta de classes. (ALTHUSSER, 1970, p. 190)

E os indivíduos, por sua vez, como já foi dito antes, serão interpelados por uma ideologia específica, dentro de uma conjuntura social. Portanto, quando o sujeito produz o discurso, o seu discurso passa a ser constituído por essa ideologia e pelas condições de produção de uma dada época, e as lutas políticas irão garantir que os discursos não sofram apagamentos ou sejam silenciados de sua função revolucionária. Além disso:

O aspecto ideológico da luta para a transformação das relações de produção se localiza, pois, antes de mais nada, na luta para impor, no interior do complexo dos aparelhos ideológicos de Estado, novas relações de desigualdade-subordinação (o que se encontra expresso, por exemplo, na palavra de ordem “colocar a política no posto de comando”), que acarretariam uma transformação do conjunto do “complexo dos aparelhos ideológicos de Estado” em sua relação com o aparelho de Estado e uma transformação do próprio aparelho de Estado. (PÉCHEUX, 1995, p. 147)

Uma vez que os discursos em sua materialidade sofrem alterações em seus processos discursivos, há uma transformação nas relações de produção, o que altera o sentido daquilo que está sendo dito, pois essas alterações se dão também a partir da interpelação do sujeito por outra formação ideológica.

Pensando no discurso como algo concreto que pode se materializar de diferentes formas, podemos considerar o corpo como a materialidade do sujeito, no qual o sujeito significa e atribui significações através de manifestações corporais. Em outros termos, “a significação do corpo não pode ser pensada sem a materialidade do sujeito. E vice-versa, ou seja, não podemos pensar a materialidade do sujeito sem pensar sua relação com o corpo” (ORLANDI, 2011, p. 83). Assim, o discurso é produzido levando em conta os processos de produção que afetam a vida social e política do sujeito, sendo um efeito da ideologia em sua materialidade.

Através de um movimento político encontraremos a oposição entre diferentes grupos, em que um grupo assume o papel de dominância se opondo ao outro. Nesse caso, podemos observar esse acontecimento na manifestação feminista conhecida como a Marcha das vadias, que surgiu em 2011, e que protesta contra a crença de que as

mulheres que são as vítimas do estupro seriam as causadoras da violência. As mulheres durante a Marcha tiram as roupas para mostrar o corpo, ficando em alguns casos apenas de lingerie com o intuito de mostrar que independente de suas vestimentas ou a falta delas, elas devem ser respeitadas. Com isso, não será apenas nos cartazes que aparecem nas imagens que encontraremos a materialidade dos discursos, e sim no corpo, no entanto, não como um corpo biológico que sustenta nossos órgãos e assume determinadas funções.

Nesse contexto, as mulheres ganham voz a partir das manifestações corporais, pois "Um sujeito em silêncio se apresenta com um corpo que significa seu silêncio e se significa nesse silêncio" (ORLANDI, 2011, p. 86). Nesse caso, ainda que haja silêncio através de práticas que oprimem as mulheres, não há apagamento dos sentidos, pois "as distintas formas como o corpo significa, se textualiza, circula pela exigência de significantes distintos" (ORLANDI, 2011, p. 87), e será a partir das formações imaginárias daquele que recebe os discursos que os discursos ganharão significados. Contudo, os modos de significação são singulares, e por isso, diremos que os sentidos serão atribuídos também de acordo com o espaço e momento no qual o corpo estará sendo afetado pelos sentidos. Tendo isso:

como os processos de identificação é que constituem a identidade do sujeito, podemos assim observar os movimentos do sujeito na história, face a sua forma de constituição e seus modos de individualização pelo discurso da arte. (ORLANDI, 2011, p. 91-92)

Dessa forma, não há a garantia de que o outro irá entender o propósito de uma manifestação desenvolvida nesses termos, visto que o discurso de um sujeito pode ser interpelado pela ideologia do patriarcado. E isso acontece porque o real "se materializa sob uma forma de corpo articulado de conceitos que, a um só tempo, *exibe e deixa em suspenso* o efeito "cego" dessa determinação enquanto efeito-sujeito" (PÊCHEUX, 1995, p. 193), fazendo com que haja interferência do externo na produção de discursos que são determinados como a realidade. Assim:

a língua é vista como um espaço heterogêneo, que reconhece também elementos de sua ordem externa, ou seja, na concepção discursiva de língua, ela perde seu caráter extremamente independente e ganha o estatuto de lugar aberto à exterioridade, instável, passando a ser reconhecida como objeto de base material, "que combinado à materialidade do processo sócio-histórico constitui o lugar da produção dos efeitos de sentido. (RADDE, 2013, p. 5)

Por meio da materialização de um discurso podemos perceber que os sentidos provocam sensações, no entanto, "as sensações não são apenas um sentimento abstrato mas efeitos de sentidos relativos a práticas de existência" (ORLANDI, 2011, p. 89).

Dessa forma, nesse jogo entre discurso e sentido surge os efeitos de sentidos que “produzem uma unidade imaginária, que organiza as formas, materializando a ordem (não acessível), em que os sentidos são constituídos, em formas tangíveis. (ORLANDI, 2011, p. 89). Portanto, apesar de termos distintas possibilidades de sentidos através do corpo em protesto, o corpo ganha a possibilidade de ser um objeto de resistência das classes marginalizadas na sociedade, sendo um instrumento para se opor ao discurso dominante e impor suas reivindicações.

A partir dessas considerações entendemos o corpo como a materialização do sujeito em discurso que está sujeito a alterações em suas significações através das manifestações discursivas, e será por meio de um determinado contexto que essas transformações irão acontecer. Com isso, diremos que “o corpo não fala, ele significa” (ORLANDI, 2011, p. 96) e os discursos produzidos por meio dele entram em um jogo discursivo através da materialidade significante. Por fim, compreendemos que a materialidade do discurso não tem transparência, e abre brecha para outras interpretações, o que torna fundamental o trabalho que a Análise de discurso desenvolve em torno do funcionamento dos discursos, como veremos ao longo dessa pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa será norteadada a partir de conceitos da Análise de Discurso (AD) de vertente materialista, através da qual, buscamos analisar os discursos e os efeitos de sentidos produzidos através da sua materialidade. Com isso, faremos as análises levando em conta uma abordagem antipositivista que não faz uso de concepções estruturalistas para conduzir os estudos da AD. Dessa forma, iremos observar o funcionamento dos discursos a fim de compreender suas possíveis interpretações.

Para a execução das análises, iremos nos atentar ao dispositivo teórico-analítico que observa os “processos e mecanismos de constituição de sentidos e sujeitos” (ORLANDI, 2012, p. 77) em um determinado *corpus* discursivo. Assim, tendo como objeto de análise a compreensão dos discursos que foram produzidos a partir de uma FD, foi escolhida uma manifestação de mulheres latino-americanas, sendo um recorte do tema da pesquisa. Em suma, os recortes são:

a materialidade a partir da qual a análise será desenvolvida, contribuindo para a compreensão do funcionamento discursivo e, também, para o aprofundamento da relação entre teoria e análise. É a partir da operação de recorte que se extraem as sequências discursivas que comporão o *corpus* de análise. (FERNANDES; VINHAS, 2019, p. 14)

Tendo a definição do *corpus* discursivo, será feito um recorte também dos discursos produzidos pelo movimento, a fim de articulá-lo ao escopo teórico para que, assim, possamos descrever a estrutura e entender o funcionamento dos processos discursivos de cada discurso. Com isso, buscamos compreender as “relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente” (ORLANDI, 2012, p. 80), e através desses conceitos iremos entender de que forma os discursos se textualizam, pois a linguagem, nesse caso:

é vista como um espaço heterogêneo, que reconhece também elementos de sua ordem externa, ou seja, na concepção discursiva de língua, ela perde seu caráter extremamente independente e ganha o estatuto de lugar aberto à exterioridade, instável, passando a ser reconhecida como objeto de base material. (RADDE, 2013, p. 5)

Dessa forma, considerando a materialidade dos discursos do sujeito-mulher³ (independente da sua constituição subjetiva e biológica) e as transformações dos discursos que acontecem através dos processos discursivos que são constituídos em um dado momento histórico para uma formação social específica, e “pelo *conjunto*

³ O *sujeito-mulher* é um sujeito discursivo que ocupa o lugar social de “mulher” na sociedade, um lugar já significado segundo a formação ideológica dominante, mas que se busca ressignificar pela luta dos movimentos feministas.

complexo dos aparelhos ideológicos de Estado que essa formação social comporta” (PÊCHEUX, 1995, p. 145), pois “a historicidade deve ser compreendida em análise de discurso como aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem” (ORLANDI, 2012, p. 80).

Desse modo, trataremos o *Ni una menos* como objeto de análise, que foi uma manifestação em protesto contra a violência de gênero e direito ao aborto legal que se deu no Chile, Argentina, Uruguai e Buenos Aires e que se estendeu para outros países em virtude dos casos frequentes de feminicídio. Através do movimento, buscamos analisar a formação discursiva em que as mulheres se inserem com relação à formação imaginária construída pela ideologia do patriarcado. Além disso, iremos observar como ocorre a materialização desses discursos em um poema, cartazes e nas manifestações corporais que aparecem nas imagens. Nessa manifestação, iremos observar o corpo em protesto e a impressão de realidade produzida:

para o corpo como estrutura discursiva, como um local de equívoco, em que nem tudo aparece e que, por isso, pode servir de materialidade discursiva que carrega a ausência na presença, onde efeitos de sentido emergem na aparente transparência, configurando-se, então, como um lugar da falta e do não-um, como um efeito de estrutura, onde reside o mesmo sujeito do discurso residente na linguagem. (RADDE, 2013, p. 14)

E a partir da materialidade dos discursos poderemos interpretar os seus efeitos de sentidos, pensando nas condições de produção e nos processos de reprodução/transformação das relações de produção. A vista disso, observaremos também como as condições contraditórias impulsionam a existência da FD feminista que ainda resiste à ideologia do patriarcado e a articulação desses discursos porque será por meio da observação do seu funcionamento que poderemos desenvolver a pesquisa.

Por fim, enfatizamos que, através da AD, poderemos mobilizar questões, tornando visível como os sujeitos se relacionam com a ideologia ao mesmo tempo que a ideologia terá um papel fundamental nas análises, pois será através dela que poderemos compreender os sentidos produzidos em sua materialidade.

4. UMA ANÁLISE DO DISCURSO MILITANTE NO “NI UNA MENOS”

Neste capítulo, analisaremos os discursos de resistência que se materializam nas manifestações de mulheres latino-americanas. Para tanto, selecionamos alguns materiais para o desenvolvimento do *corpus* discursivo composto por uma performance e imagens de cartazes retirados de sites de notícias e compartilhamento de fotos, além de um poema que se relaciona com o movimento escolhido para a análise, pois eles permitem explorar o discurso de resistência das mulheres através da arte.

Dessa forma, escolhemos o *Ni una menos*, por ser um movimento que luta contra a violência de gênero, e que defende a legalização do aborto legal e seguro, e que surgiu devido aos casos frequentes de feminicídio na Argentina.

À vista disso, a partir dessas materialidades faremos algumas reflexões sobre o tema proposto, a fim de compreender de que modo esses discursos produzem sentidos em suas diferentes formas de dizer. Portanto, nas seções deste capítulo veremos como ocorre a transformação desses discursos por meio do seu funcionamento.

4.1 Historicidade das manifestações de mulheres

Os movimentos sociais por defenderem a coletividade como um todo, são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2011, p. 335). Assim, com o objetivo de preservar ou transformar uma ordem vigente, o que gera eventualmente um incômodo à oposição, já que os movimentos caminham na busca da mudança ou estabilidade nas relações de poder estabelecidas por uma classe dominante.

Pensando nisso, como uma forma de resistir às condições impostas pela sociedade, é possível encontrar na história ocidental dos séculos passados o aparecimento de manifestações que denunciam a condição de opressão vivida pelas mulheres, tendo como principais fatores a superioridade e a dominação dos homens. Dito isso, também podemos definir como um dos efeitos de origem de organização política das mulheres a *Revolução Francesa (1789-1799)*, sendo este um acontecimento histórico que impactou e revolucionou a França com o fim do absolutismo. Devido à insatisfação da burguesia com os privilégios da aristocracia e o sofrimento do povo marcado pela pobreza e a fome, a revolução se iniciou, tendo como lema as palavras: “Liberté, égalité, fraternité”, na busca de universalizar os direitos sociais e liberdades individuais de todos. E foi aí que se fundou os princípios democráticos na França:

tratava-se – como diziam – de engendrar uma pátria regenerada, capaz de efetivar os princípios de uma sociedade verdadeiramente democrática. Sendo assim, supunha-se ser a escolarização um dos veículos prioritários na construção da nacionalidade. (BOTO, 2003, p. 735)

Consequentemente, a crise econômica tomou o país, gerando conflitos internos entre as classes sociais mais altas, fazendo com que clero e a nobreza passassem a pagar impostos, assim como os mais pobres, pois os mesmos passavam por grandes dificuldades, sendo explorados pelo primeiro e segundo estados há tempos. Dessa forma, os privilégios feudais foram abolidos da França após dez anos de revolução, e só então, em 1789 foi anunciada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, documento que estabelecia que todos os homens eram iguais perante a lei, sendo inspirado na doutrina “direitos naturais”. Nesse caso, a menção dos termos “homem” e “cidadão”, está no sentido genérico do saber universal, não apontando para o gênero masculino, mas para o ser humano em geral, o que englobaria, a princípio, as mulheres.

Uma das figuras importantes dessa época foi a escritora inglesa Mary Wollstonecraft que, no século XVIII, produziu alguns registros que ficaram marcados na história da Revolução Francesa, através dos quais contestava a disparidade de gênero que predominava na época. A partir disso, ela passou a elaborar ideias sobre a opressão estrutural sofrida pelas mulheres, por meio de comentários políticos em suas obras que questionavam pensadores homens. Por isso, hoje ela é considerada uma das primeiras mulheres que lutou em prol das causas feministas, ainda que ela não tivesse fundado um movimento político de mulheres sob tais reivindicações. Nesse sentido, após a revolução na França, a autora se sentiu incomodada com o relatório sobre a declaração escrita por um dos pensadores da Revolução, o que levou Mary a entender que o sentido genérico de "homens" ali não englobava as mulheres, pois o documento trazia informações que impediam as mulheres de terem os seus direitos, criando até mesmo mais obstáculos para a emancipação feminina, resultando na crença da incapacidade feminina de desenvolver as mesmas tarefas que os homens. Por isso:

para ela, a “inferioridade feminina”, pregada majoritariamente entre os iluministas, era fruto da situação social das mulheres e não uma característica inerente às mesmas. Wollstonecraft não concebia a desigualdade ou a hierarquia naturais entre os sexos. Para ela, ambos apresentavam as mesmas potencialidades, pois compartilhavam o dom da razão. (MIRANDA, 2010, p. 142)

A partir desses pensamentos, Mary escreve a obra *Reivindicação dos direitos das mulheres*, que foi publicada em 1792 sendo o resultado de suas considerações sobre a

declaração dos direitos dos homens, em que ela faz uma crítica aos estereótipos femininos que predominavam naquele contexto.

Assim, observamos que, ainda que a Revolução Francesa tivesse obtido êxito no âmbito político com a dissolução do absolutismo, a desigualdade na França não foi sanada, visto que as mulheres não foram reconhecidas como cidadãos tais como os homens. Dessa forma, “os otimistas e crédulos no progresso acreditavam na capacidade de transformação do ser humano, mas continuavam identificando ‘humanidade’ como homem” (PRIORE, 1989, p. 92), o que ocasionou num apagamento sobre a forte atuação política das mulheres que lutaram junto aos homens em busca de liberdade e participação na política, função que era exercida apenas pelo clero e os nobres. Por isso, Priore (1989, p. 92) dirá que “o século das luzes ilumina precariamente as mulheres, para melhor enquadrá-las”. A partir daí, instaurou-se alguns movimentos na França que se estenderam por toda a Europa com o intuito de reivindicar direitos igualitários. Assim, houve profundas mudanças políticas, sociais e culturais, sobretudo no mundo do trabalho, sendo fomentadas também pela Revolução Industrial e o acontecimento histórico da greve de mulheres que deu origem ao primeiro movimento reconhecido como feminista, o das sufragistas.

A partir disso, as mulheres começaram a se organizar nos Estados Unidos, na década de 1850, após o sufrágio, no que ficou conhecido como a “Primeira onda feminista”, por ser uma verdadeira onda de lutas e reivindicações de mulheres, com o intuito, ainda de trazer liberdade e direito ao voto feminino. Sendo liderado pela feminista britânica Emmeline Pankhurst⁴, o movimento sufragista⁵ teve seu início entre o fim da década de 1800 até o início do ano 1900, e ocorreu em vários países do mundo com o objetivo de organizar a luta das mulheres pelo direito ao sufrágio (voto).

Já em meados de 1960 iniciou-se a chamada “Segunda onda feminista”, que trazia consigo uma gama de questões como a sexualidade, mercado de trabalho, direitos reprodutivos, desigualdade de gênero, e que se espalhou por diversos países industrializados, terminando por volta de 1980, e materializando-se de outra forma em

⁴ Emmeline Pankhurst foi uma das fundadoras, em 1903, da União Feminina Social e Política (sufragistas).

⁵ Os movimentos das sufragistas nas duas primeiras décadas do século XX é considerado o primeiro movimento legalmente feminista, “quando as mulheres dessas nações finalmente conseguiram ser reconhecidas como cidadãs, ganho notável que, em diferentes fases, teve eco nos países europeus e no mundo” (ABREU, 2021, p. 444).

outros movimentos. Esse período também ficou marcado pela revolução sexual após desenvolvimento do primeiro anticoncepcional em 1960, além das discussões sobre os efeitos colaterais em seu uso, bem como, o questionamento sobre o medicamento ser de uso apenas das mulheres. A partir disso, em 1963 a escritora francesa Betty Friedan publica a obra “Mística Feminista” com o intuito de retomar as ideias de Simone de Beauvoir sobre a sexualidade e expandir as discussões sobre a desigualdade de gênero.

Além desses movimentos identificados pelas "ondas", podemos incluir como organização política da FD feminista, o Movimento de Libertação das Mulheres (MLF) fundado em maio de 1968 por Antoinette Fouque, a partir do reagrupamento de diferentes associações feministas, pertencentes a diferentes correntes que se formam dentro do movimento e que teve o seu marco histórico na luta pela condição feminina na França, devido a:

uma série de movimentos sociais de forte conotação cultural, questionando os valores da sociedade industrial (que acreditava ser suficiente ter as necessidades básicas supridas) e contrapondo-se ao próprio Estado (e a um modelo de bem-estar social). (ZIRBEL, 2007, p. 43)

Nessa perspectiva, Antoinette cria o coletivo “Psicanálise e política” pelo qual reivindica ações comuns em torno do direito ao aborto, à libertação da mulher sobre o próprio corpo e contra a violência doméstica, que teve o seu marco histórico na luta pela condição feminina na França, após a Revolução francesa, e nos Estados Unidos com o sufrágio na década de 1960, e se expandiu por diversos países industrializados.

Tendo essas informações, o movimento feminista propõe a paridade entre homens e mulheres através do empoderamento feminino, deixando de lado a existência dos padrões patriarcais impostos pela sociedade. Assim, através dessas lutas:

O termo *gênero* passou a figurar em todos os espaços historicamente entrelaçados pelo feminismo: grupos de mulheres, sindicatos, partidos políticos, igrejas, ONGs, instituições governamentais, etc., apontando para a eficácia das redes de contato formadas por estas feministas e para o respeito conquistado pela militância das décadas anteriores. (ZIRBEL, 2007, p. 20-21)

Logo depois, surgiu a “Terceira onda feminista”, que começou em 1990, sendo organizada pela escritora e ativista Rebecca Walker que retomou o movimento como uma resposta às “falhas” da segunda onda, visando tratar de assuntos ligados ao estupro, ao patriarcado, à sexualidade e ao empoderamento feminino. Apesar de ser um movimento com ideais muito parecidos com os da segunda onda, neste há a inserção de outras problemáticas ligadas a raça, classes e identidade de gênero, fazendo com que

cada grupo de mulheres possa ter as suas próprias reivindicações, sendo consideradas, neste trabalho, como a posição-sujeito de cada lugar social que ocupam as mulheres dentro da formação discursiva feminista, assim como a posição-sujeito das mulheres lésbicas, indígenas, negras, operárias, e entre outras, pois é a partir das condições de produção que iremos “conseguir esclarecer as diferenças internas através das quais se manifesta o invariante discurso” (PÊCHEUX, 1997, p. 148-149).

Dessa forma, a partir da existência dos movimentos, temos as manifestações que são atos realizados pelo povo de uma nação em defesa de uma causa, a fim de expressar uma certa ideologia. Assim, através dos movimentos haverá diferentes manifestações que irão atender demandas específicas, como por exemplo, as diferentes manifestações que aconteceram por meio das ondas feministas já mencionadas. Por isso, as reivindicações políticas passam a ser expressas por algumas ações em busca de mudanças sociais. Com isso, as manifestações populares estão profundamente relacionadas à garantia e à valorização dos direitos humanos, por isso, as grandes mobilizações existentes no mundo:

lutaram por aqueles que hoje consideramos direitos fundamentais estabelecidos na Carta da ONU e inseridos nos sistemas legais nacionais. A partir delas, desenvolveu-se a forma de governo que hoje entendemos como democrática. Diante disso, debater a importância dessa mobilização, os direitos dos manifestantes, os limites da força policial e questionar os novos problemas surgidos com os novos modelos de manifestação popular, como as ocupações, torna-se essencial. (BRITES, 2017, p. 99)

Partindo dessas diferentes demandas, na América Latina, surgiram muitas iniciativas envolvendo mulheres a fim de quebrar preconceitos e violências através das lutas sociais. Algumas destas lutas deram origem a novas entidades feministas, que contribuíram para o avanço da emancipação das mulheres. Com isso, na década de 1980 se consolidaram diferentes movimentos de mulheres do campo, motivados pela bandeira que simboliza o reconhecimento e valorização das trabalhadoras rurais. Assim, foram desencadeadas lutas na busca por libertação da mulher, documentação, sindicalização, direitos previdenciários e participação política. A partir desse processo, viu-se a necessidade de articular as demandas com outros movimentos organizados, como por exemplo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que surgiu em 1984, sendo um movimento que luta pela redistribuição de terra, além de ser responsável pela reiteração da reforma agrária. O surgimento desse movimento:

desencadeou uma discussão sobre os lugares políticos já consolidados e dotados de legalidade no espaço público. Lugares como propriedade rural e latifúndio encontram abrigo no discurso político e jurídico sobre o direito de propriedade da terra, os quais remetem, por sua vez, a sujeitos legitimamente inscritos no espaço público tais como proprietários rurais, latifundiários e fazendeiros. (INDURSKY, 2002, p. 112)

Este fato nos direciona a pensar sobre a forte questão da exclusão social que vem tomando cada vez mais uma proporção gigantesca, visto que, “tais temas implicam considerar quem pode e deve ter posse da terra no Brasil desde a sua ‘descoberta’, e ao mesmo tempo, quem está autorizado a enunciar dessa posição, que sujeitos devem ser expulsos e/ou exilados de suas terras em nome da colonização, do desenvolvimento e agronegócio” (SOUZA, 2018, p. 23).

Assim, em 2004 foi fundado o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), a fim de representar as mulheres trabalhadoras que também defendem a reforma agrária e a implementação de políticas públicas que atendam às demandas da agricultura e as diversas fontes de energia em função da preservação dos espaços ocupados, visto que, parte dessas disputas se pautam sob o esquecimento de que a terra também deve ser cuidada, antes mesmo de se pensar se há ou não um dono a quem ela pertence. Diante disso:

é lícito dizer que a proposta das mulheres camponesas adota princípios ecofeministas, nos termos em que Capra o aventou, ou seja, as mulheres percebem a dominação patriarcal pelos homens como um protótipo das formas de dominação e exploração que as grandes representantes do capital mantêm com a Terra. (RODRIGUES, 2009, p. 52)

Assim, também, tornando visível que essa deslegitimação ocorre muito mais com as mulheres, por conta das hierarquias de gênero próprias que a sociedade impõe e considera legítima.

Desse modo, lembraremos também dos movimentos de negritude e dos indígenas que derivam de uma série de alterações políticas, econômicas e sociais porque tanto os indígenas, quanto os negros foram escravizados e coisificados, sendo excluídos do acesso à riqueza produzida pelo Brasil, e que atingem majoritariamente as mulheres por conta da desigualdade de gênero. Dito isso, não podemos deixar cair no esquecimento a pirâmide que coloca as mulheres negras em um lugar inferioridade com relação aos outros grupos, na qual, vemos a urgência de “existir e a importância de evidenciar que mulheres negras historicamente estavam produzindo insurgências contra o modelo dominante e promovendo disputas de narrativas” (RIBEIRO, 2017, p. 16). Por isso, compreendemos que há um apagamento desses acontecimentos históricos, assim como,

o fortalecimento de uma FD dominante, que controla a circulação de dizeres e imagens e, sobretudo, virtualiza o que é permitido e proibido, o que é certo e errado dizer" (SOUZA, 2018, p. 28), evidenciando "que estas 'concepções do mundo' são na sua grande parte imaginárias, isto é, não 'correspondentes à realidade'" (ALTHUSSER, 1971, p. 78).

A partir dessas diferentes demandas, surge a Marcha 8M que por ser um movimento heterogêneo abrange e acolhe diferentes grupos de mulheres que se dissiparam na terceira onda feminista por terem suas lutas particulares e que se reúnem através da marcha na luta contra a desigualdade de gênero. Dessa forma, o nome do movimento carrega a data que ficou marcada pela manifestação organizada por tecelãs e costureiras de Petrogrado, durante a greve iniciada em 1917 na Rússia, por pão e paz, sendo a motivação para o estopim da primeira fase da Revolução Russa, apesar da data representar na atualidade uma homenagem às mulheres.

Com isso, outros movimentos que pertencem a posições-sujeito distintas dentro da FD feminista surgem atendendo às especificidades de cada grupo de mulheres. Dentre estes, temos a Marcha das Vadias sendo uma manifestação que teve início no dia 3 de abril no Canadá, e que protesta contra a crença de que as mulheres que são as vítimas dos casos de estupro teriam motivado a violência a partir do seu comportamento. Por isso, durante a marcha as mulheres usam roupas consideradas motivadoras de estupro, ou seja, saia curta, lingerie à mostra, calça justa, a fim de simbolizar que o ato de estupro não é culpa da vítima e que ela merece respeito, independente das suas particularidades.

Encontraremos manifestações corporais como essas também através da coreografia Las Tesis que foi uma performance criada pelo coletivo interdisciplinar chileno Las Tesis com o objetivo de se opor à violência contra a mulher e denunciar um Estado opressor a partir de suas "teses" feministas. A música e a coreografia foram realizadas no dia 20 de novembro de 2019, em Valparaíso e em questão de dias viralizou e se estendeu pelo mundo. Junto a isso, temos o movimento *Ni una menos*, que teve o seu início em 2015, e através de protestos contra a violência de gênero, após o aumento dos casos de feminicídio na Argentina. Nesse caso, a causa só ganhou visibilidade assim que uma jovem de 14 anos, grávida, e outras quatro mulheres foram mortas brutalmente, sendo um dos feminicídios mais agressivos registrados no país.

Diante disso, entendemos que essas lutas existem em função de políticas já implementadas e sedimentadas que excluem esses grupos nomeados como "minorias" e

que resistem constantemente às decisões de um Estado opressor. Por isso, esses movimentos têm se expandido cada vez mais, visto que, na medida em que as pautas são atendidas, as demandas também aumentam. Assim, por trás de cada movimento social, iremos encontrar o funcionamento do discurso de resistência como um discurso político e militante, pois haverá um sujeito político que “adquire a capacidade de produzir cenas polêmicas, demandas e discursos em confronto que fazem ver a contradição dos dois sujeitos em conflito e suas lógicas em colisão” (INDURSKY, 2002, p. 125), garantindo que não haja a polissemia que possibilite a transformação do discurso sobre as mulheres.

4.2 Análises dos discursos das manifestações do “Ni una menos”

Este trabalho tem o intuito de promover uma reflexão em torno do modo que se configura a formação discursiva em que se inscrevem as mulheres latino-americanas que atuam politicamente no movimento em estudo. Para isso, foi necessário recorrer à historicidade referente ao movimento escolhido para a análise antes de iniciarmos a analisar os discursos na busca de compreender melhor como ocorre também o processo de produção de sentidos desses discursos, através das suas transformações. Dessa forma, recorreremos ao material de apoio já mencionado anteriormente de forma a centralizar a pesquisa nos efeitos de sentidos produzidos por um determinado grupo de mulheres que se manifesta através do discurso.

Entendendo as condições de produção de cada discurso, é possível refletir sobre os fatores que levam essas mulheres a se manifestar de tal forma, bem como, a relação das manifestações com a permanência de discursos que favorecem uma classe dominante. À vista disso, temos o *Ni una menos*, sendo essa a materialidade que irá compor o *corpus* discursivo da análise para que assim possamos compreender como as diferentes formas de se manifestar produzem sentidos. Isso porque os discursos:

em sua materialidade concreta, instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas* (referidas aos aparelhos ideológicos de Estado), que, ao mesmo tempo, possuem um caráter "regional" e que comportam posições de classe. (PÊCHEUX, 1995, p. 146)

Assim, através dessas materialidades, poderemos encontrar os sentidos possíveis de um discurso, e também a “sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais os servem” (PÊCHEUX, 1995, p. 146), e que os colocam em uma posição de dominância e dominado.

Tendo essas informações, o *Ni una menos*, iniciou a sua formação em 2015 como

uma forma de protestar contra a violência de gênero que se deu em mais de 200 localidades da Argentina e nos países vizinhos. Os protestos foram desencadeados por conta do assassinato de Chiara Páez de 14 anos que foi vítima de estupro e uma série de violências. Em meio a essa brutalidade surge o *Ni una menos*, termo que surgiu após a morte da escritora e defensora dos direitos humanos Susana Chávez que escreveu um poema com o verso “Ni una muerta más” (Nem uma morta mais) para protestar contra os feminicídios na cidade de Juarez, província Chihuahua, no ano de 1995. Anos após o assassinato de Susana que aconteceu devido as suas lutas, um grupo de mulheres retoma o uso e altera a frase para “Ni una menos” (Nenhuma a menos) com o intuito de mobilizar outras mulheres em prol das causas feministas reivindicando a promoção de políticas públicas que promovam uma maior igualdade de gênero e de preservação do bem-estar das mulheres argentinas. Dessa forma, a manifestação está engajada:

em pautas como a legalização do aborto e a implementação da Lei 26.485 – que prevê proteção integral para prevenir, sancionar e erradicar a violência contra as mulheres em todos os âmbitos nos quais existam relações interpessoais. (LOPES; GABARDO, 2019, p. 2)

Nesse sentido, as manifestações foram essenciais para que mulheres de todo o mundo ganhassem voz em busca de justiça. Assim, o *Ni una menos* configurou um lugar para discussão sobre as políticas sociais da Argentina visando também demandas em termos de políticas públicas que atendessem às mulheres vítimas das violências sofridas.

A partir das manifestações, poderemos observar os sentidos que se atualizam no momento de enunciação, exigindo uma reformulação dos sentidos produzidos através de uma materialidade discursiva, que passa a ser definida por suas falhas, em sua incompletude. Dessa forma, há um rompimento nos sentidos cristalizados que ocorre por meio das “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 191), e que se repercutem através de alguns deslocamentos.

Com isso, a história poderá ser compreendida de diferentes formas porque as condições de produção estarão ligadas à ideologia do sujeito que irá se articular às discursividades que trabalham um acontecimento, e “que entrecruzam posições logicamente estabilizadas e unívocas a formulações equívocas” (ORLANDI, 2019, p. 138), assim produzindo novos sentidos a partir do já foi dito antes que surgem por meio da “exterioridade (contexto, situação empírica, interdiscurso, condições de produção,

circunstâncias de enunciação)” (ORLANDI, 2012, p. 84). Dessa forma, dentro desses novos sentidos também está a influência da FD das artes que atua na produção dos modos de se manifestar, assim como nas materialidades significantes que analisaremos nas seções a seguir.

4.2.1 Um olhar político-discursivo nos cartazes das manifestações

Centrando este trabalho nas manifestações que acontecem a partir do movimento feminista, apresentamos nesta seção uma sequência de recortes contruídos para esta análise. Com isso, a seguir separamos três imagens de algumas mobilizações advindas do movimento Ni una menos que foram retiradas de sites de notícias e de uma rede social de compartilhamento de fotos, o Pinterest.

SD: 01



Fonte: Aljazeera (2019)

Nesta primeira sequência discursiva, que foi retirada de um site de notícias, encontramos algumas militantes protestando contra a violência de gênero na Argentina, e pedindo acesso ao aborto legal. Este entendimento se dá a partir dos cartazes que trazem o nome da marcha e que carregam um forte significado relacionado à morte de Chiara Páez e Lúcia Perez de apenas 16 anos que foi estuprada, drogada e empalada na Argentina em 2016, e sobre tantas outras mulheres que morrem no país, sendo vítimas em casos de feminicídio.

Logo depois, os cartazes nos mostram que essas mulheres fazem parte de um coletivo feminista de esquerda por conta dos dizeres trazidas neles, e que além de protestar contra a violência de gênero, elas também buscam um avanço nas questões econômicas, por isso, além do símbolo do feminismo, também é apresentada a sigla do partido político argentino conhecido como o Movimento Socialista dos Trabalhadores (MST), que busca a mobilização da classe trabalhadora, e que apoia a lutas das feministas. Portanto, existe uma relação intrínseca entre a luta pelos direitos das

mulheres e a luta contra a política de modo geral executada pelo governo. Com isso, a imagem nos mostra que as principais áreas de interesse da marcha articulam-se a fim de se manifestar contra uma classe dominante que “detém o poder de Estado (de uma forma franca ou, na maioria das vezes, por meio de Alianças de classe ou de frações de classes), e dispõe portanto do Aparelho (repressivo) de Estado” (ALTHUSSER, 1971, p. 48).

Além disso, as mulheres carregam um lenço verde no pescoço que simboliza, nesse caso, a luta pelo direito da mulher argentina de decidir pelo seu próprio corpo, vinculada à tradição das “Mães da praça de Maio”, sendo estas mulheres que se reuniam em uma praça de Buenos Aires em decorrência do desaparecimento de seus familiares durante a ditadura militar (1976-1983), que entrou em vigor em 1976 a 1983. Essas mulheres usavam lenços, panos e fraldas na cor branca, contendo o registro dos nomes dos familiares perdidos. Dessa forma, o movimento se tornou um dos pilares para outras organizações como por exemplo a Campanha Nacional pelo Direito do Aborto Legal seguro e gratuito, o qual resgatou o uso do lenço como uma forma de ressignificá-lo através da implementação da cor verde como símbolo da luta pelo direito das mulheres.

Nesse contexto, em um dos cartazes mostrados na SD 01, há a seguinte frase: “aborto legal, seguro e gratuito”, o que nos leva a pensar que o aborto vem sendo um dos assuntos mais discutidos por ser uma questão que envolve a interferência na tomada de decisões das mulheres sobre seus corpos, sua sexualidade e suas escolhas reprodutivas. No entanto, alguns médicos comprovam que o aborto pode acontecer de forma precoce ou entre 13º a 22º semana de gravidez, pois não há vida dentro do útero nesse período. Ainda assim, a formação ideológica religiosa impede que em certos países seja aprovado o aborto legalizado, pois acreditam que ao fazer a extração do feto, poderão estar acabando com uma vida e, por isso, muitas mulheres são criminalizadas por conta da realização do procedimento. Dessa forma, trata-se de perspectivas sobre a questão, na qual, para um grupo, a prática é considerada uma solução para a diminuição do número de mortes de mulheres, enquanto o outro grupo vê o aborto como um ato de assassinato, sem considerar o risco que sofre a mulher que aborta clandestinamente. Nesse caso, é possível perceber que “estas duas designações remetem para duas posições-sujeito opostas, que se inscrevem em Formações Discursivas antagônicas, instaurando dois discursos que se excluem mutuamente” (INDURSKY, p. 126). Por isso, segundo Pêcheux uma palavra ou expressão pode receber sentidos distintos ou

igualmente evidentes:

conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque - vamos repetir - uma palavra, uma expressão ou proposição não tem *um* sentido que lhe seria "próprio", vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, mas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. De modo correlato, se admite que *as mesmas* palavras, expressões e proposições *literalmente diferentes* podem, no interior de uma formação discursiva dada, "ter o mesmo sentido". (PÉCHEUX, 1995, p. 161)

De fato o aborto induzido pode oferecer um potencial de risco maior quando realizado por pessoas que não possuem os instrumentos adequados para a execução do procedimento, no entanto, a proibição do aborto não impede que ele aconteça, mas sim que ele ocorra de forma clandestina, o que acaba pondo em risco a vida das mulheres que seguem esse método porque ele pode envolver a introdução de alguns objetos no útero como agulhas de tricô, cabides ou outras ferramentas para a extração do feto, além de remédios nocivos que podem gerar hemorragias e até mesmo a morte da mulher. Dessa forma, o grupo anti-aborto, dito "Pró-vida", militam pela vida dos fetos, mas não consideram a vida das mulheres que continuarão abortando ilegalmente.

Por outro lado, a lei pela legalização do aborto foi aprovada no dia 30 de dezembro de 2020, na Argentina, após décadas de luta feminista pela ampliação de direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. De qualquer forma, apesar de ter sido uma conquista para as mulheres argentinas, ainda há muitas demandas de proteção à vida das mulheres que precisam ser atendidas. Além disso, há inúmeros países que ainda seguem criminalizando mulheres por conta da realização do aborto "ilegal", o que coloca a mulher, mais uma vez, em uma posição de dependência às escolhas governamentais como vem acontecendo no Brasil através do Projeto de Lei n 5435. Nesse caso, o PL foi proposto pelo senador Eduardo Girão e que vem sendo retomado pela pastora evangélica brasileira e atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, propondo um auxílio financeiro às vítimas de estupro sob a condição de que a mesma não exerça o direito básico de decidir se deve seguir ou não com a gestação advinda da violência sexual. Com isso, a mulher também poderá ser penalizada caso negue os direitos do agressor como "pai". E mais uma vez a mulher além de ser violentada pelo abusador, também sofre com as medidas tomadas pelo Estado.

SD: 02



Fonte: *Pinterest* (2016)

Na SD 02, que foi retirada de um site de compartilhamento de fotos, temos uma mulher que carrega um cartaz com a seguinte frase: "Meu corpo não pede sua opinião. Deixe-me caminhar tranquila!". Quando é dito "Meu corpo não pede sua opinião" compreendemos que há um discurso que revela tanto a questão de propriedade da mulher sobre o seu próprio corpo, não buscando a aprovação de ninguém, como também a relevância que é dada quando a mulher usa roupas "reveladoras". Isso ocorre devido o discurso sobre a posse do corpo da mulher que advém de um discurso machista, sendo pronunciado tanto por homens quanto por mulheres que entendem o estupro como um ato que só acontece quando as mulheres usam roupas que exibem os seus corpos, sendo um meio de provocar o seu agressor. Além disso, "há aí deslizamentos - efeitos metafóricos - muito significativos" (ORLANDI, 2012, p. 89) que substituem dois termos em função de uma relação de sentidos que nos traz um corpo que fala, e que informa ao outro que não quer a sua opinião.

Em seguida, vemos a seguinte construção: "Deixe-me caminhar tranquila", em que se produz o efeito de medo nas mulheres que precisam sair sozinhas e que independente do horário são assediadas, seguidas ou violentadas pelo simples fato de estarem sozinhas. Assim, é muito comum uma mulher ser repreendida por sair muito tarde, ou pior, culpabilizada pela violência sofrida, na qual é justificada por estar no "lugar errado com a roupa errada".

Esses discursos naturalizam as ações do agressor, a partir de um imaginário "que não correspondem à realidade, portanto que constituem uma ilusão" (ALTHUSSER,

1971, p. 78), fazendo uma alusão à realidade e que reforçam cada vez mais a reação imediata das mulheres de se questionar se podem ou não estar em determinados lugares. Por isso, é muito comum a ideia de que as mulheres só podem andar em segurança em espaços específicos estando acompanhadas do marido, pai ou amigo.

Ainda assim, fica evidente que, ao ter que recorrer a esses métodos de segurança, algumas mulheres criam uma dependência gerada a partir de um estigma cultural que impede a mulher de circular e ocupar livremente os espaços na hora e como ela quiser. Dessa forma, se trata de uma segurança genérica para confortar as mulheres, gerando um efeito de naturalização do homem como um macho protetor, enquanto as mulheres são vistas como o sexo frágil. Essa relação de sentidos é produzida pelo imaginário validado até mesmo por filósofos consagrados que entendiam que a mulher deveria agir em função das necessidades de um homem, assim como acontece no mundo animal, quando:

as mais soberbas feras, a tigresa, a leoa, a pantera, deitam-se servilmente para a imperial posse do macho. Inerte, impaciente, matreira, estúpida, insensível, lúbrica, feroz, humilhada, o homem projeta na mulher todas as fêmeas ao mesmo tempo. (BEAUVOIR, 1970, p. 31)

Esse efeito de sentido se dá a partir da crença de que a mulher possui menos força muscular em relação aos homens, menor capacidade de erguer objetos pesados ou realizar exercícios físicos. A mulher, a partir dessa perspectiva, é vista como fraca, sem estabilidade emocional e, por isso, se torna menos capaz de executar as mesmas tarefas que os homens. No entanto, esse posicionamento é um equívoco, pois:

desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata; no momento em que o dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a “fraqueza” só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe. (BEAUVOIR, 1970, p. 58)

Dito isso, esses imaginários construídos pela FD machista evidenciam a emergência de mobilizações feministas potentes, que tomem as ruas em protestos como o *Ni una menos*, e que questionem a forma como o Estado pretende agir com relação à situação das mulheres em termos de políticas públicas.

SD: 03



Fonte: Folha de S. Paulo (2016)

Na SD 03, retirada de um site de notícias que informa sobre uma manifestação de mulheres em Buenos Aires, vemos logo de partida uma mulher com o rosto pintado a fim de protestar contra a violência de gênero. Por meio dessa manifestação corporal, entendemos o corpo como uma materialidade que produz sentidos, pois através dele é possível quebrar o silêncio até mesmo daqueles que acreditavam estar sem voz frente à opressão. Com isso, o silêncio pode ser pensado como um “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2012, p. 83) através da materialidade significativa.

Diante disso, ela representa os casos em que as mulheres são agredidas por seus parceiros e até mesmo mortas sem que ninguém impeça, já que, a princípio, o lar deveria ser o lugar mais seguro para qualquer pessoa. Além disso, isso se justifica no enunciado registrado junto ao papel colado à boca: "O silêncio mata". O silêncio ao qual ela se refere seria o silêncio das mulheres que são vítimas de violência doméstica por seus parceiros ou ex-companheiros, e que, muitas vezes, não conseguem denunciar o seu agressor por medo ou abusos psicológicos. Mas o que chama a atenção nesses crimes são as contradições, posto que, parte dos casos acabam sendo banalizados, pois muitos são vistos como um ato de amor ou acabam virando estatística.

Essa romantização das agressões vem do discurso de posse dos homens sobre as mulheres, comprovando a constituição de seus discursos pelo patriarcado, configurando-se numa FD machista. À vista disso, há um fortalecimento de uma crença antiga de que a mulher deve ser propriedade do homem, na qual ela assume o dever de atender às exigências do parceiro. No entanto:

a ideia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. (BEAUVOIR, 1970, p. 184)

Além disso, o comportamento dos agressores acaba interferindo na subjetividade das mulheres que sofrem essas violências, fazendo com que elas formem uma imagem depreciativa sobre si e questionem suas identidades a partir dos imaginários construídos para elas. E isso ocorre porque se constitui uma relação imaginária do sujeito com a realidade que “não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *outro*, ou ao *sujeito*, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da autonomia” (PÊCHEUX, 1995, p. 163), fazendo com que o sujeito tenha a impressão de estar tomando uma decisão não forçada, livre de qualquer influência ideológica. Dito isso, diremos que a memória discursiva é ideológica, por isso, ela:

fornece-impõe a "realidade" e seu "sentido" sob a forma da universalidade (o "mundo das coisas"), ao passo que a "articulação" *constitui o sujeito em relação como sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*. (PÊCHEUX, 1995, p. 164)

Em função disso, a imagem não representa somente as questões particulares ligadas aos assassinos, mas também a um certo silenciamento da polícia, do Estado e dos órgãos responsáveis diante desses crimes, pois “todos os aparelhos ideológicos de um Estado contribuem de maneira geral para a reprodução das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 145) e para a transformação desses imaginários. Posto isso, a justiça ainda segue sendo falha e muitas mortes continuam sendo anunciadas por boletins de ocorrência, deixando registros através do corpo de delito em uma exposição humilhante das mulheres que têm seus corpos marcados por essa violência. E mais uma vez, foi realizada a tentativa de culpabilização, com argumentos que acabam convencendo a vítima a não recorrer à justiça novamente, e isso tudo é um sinal de que a sociedade ainda dá brechas para que essa cultura de ódio às mulheres permaneça, mesmo de forma dissimulada.

4.2.2 Os discursos produzidos através do poema “Nenhuma a menos”

Nesse sentido, através do movimento feminista, muitas mulheres ocuparam espaços sociais com o intuito de expor as suas motivações, trazer questionamentos e denunciar a violência de gênero. E tudo isso, iniciou-se a partir do momento em que importantes protagonistas tomam frente às discussões levando assuntos diversos como as diferenças sociais, étnicas, de classe, de espécie e de gênero para que o mundo pudesse entender o

porquê desses assuntos não serem tão discutidos.

Nesse contexto, entre as questões levantadas podemos pontuar a predominância de artistas homens e quase ausência da participação das mulheres, lembrando também que muitas nem eram reconhecidas pelo seu trabalho, tendo que fazer uso de um pseudônimo para que, assim, pudesse ter algum reconhecimento pela sua arte, e tudo isso nos mostra que a desvalorização dos trabalhos executados pelas mulheres sempre foi uma prática recorrente nesse cenário, tanto por parte dos homens quanto por outras mulheres. E, por isso, tal debate vem sendo encaminhado por muitas artistas contemporâneas que também vêm trazendo o assunto à tona na atualidade.

Dentro desta motivação, traremos nesta seção o poema “Nenhuma a menos”⁶ que se encontra no livro “A mulher submersa” da escritora brasileira Mar Becker, lançado em março de 2020 por ser o mês que comemora o dia das mulheres. O poema faz referência ao movimento *Ni una menos* e nos coloca sobre uma reflexão que convoca tanto questões em torno do amor romântico, além de prestar uma homenagem às mulheres que marcaram a história e influenciaram na luta pelos direitos femininos. A partir disso, analisaremos alguns versos do poema a seguir.

***SD 04:** amar o homem que tu és
 amar o homem que tu és apesar do homem
 amar sabendo que um homem pode se dar ao luxo de se perder no amor - mas não uma
 mulher
 nunca uma mulher
 amar-te, meu amor
 mas sem esquecer que a mulher de nós dois sou eu*

Logo no início do poema temos os seguintes versos “amar o homem que tu és, amar o homem que tu és apesar do homem”. A partir disso, podemos interpretar que é possível amar um homem, apesar deles assumirem uma posição de privilégio com relação às mulheres ou apresentar uma ameaça diante de tantos casos de feminicídios em que as mulheres acabam sendo as vítimas. Com isso, temos a imagem do homem fundada a partir da “essência do real aquilo que constitui seu efeito representado por um sujeito” (PÊCHEUX, 1995, p. 163) e que contribui para construção da FD machista que é determinada pela ideologia do patriarcado. Dito isto, vemos a continuação desses versos em que os trechos denotam os julgamentos sobre as mulheres em suas relações, nas quais, elas devem sempre manter uma imagem de “mulher de respeito”, mesmo

⁶ Este texto se encontra no Anexo A (página 57).

estando solteiras, enquanto os homens não são julgados negativamente por ter mais de um relacionamento simultâneo. Por isso, o sujeito-mulher não pode ser comparado aos homens, em virtude dessa desigualdade que permite a objetificação e desqualificação das mulheres como seres incapazes de executar as mesmas atividades que os homens. Assim, as formações discursivas que constituem o que chamamos de seu interdiscurso *determinam a dominação da formação discursiva dominante* (PÊCHEUX, 1995, p. 164). Tal circunstância também aparece no recorte abaixo:

*SD 05: eu não posso me esquecer das tantas outras
 não posso esquecer eva
 não posso esquecer agar atravessando o deserto com ismael no colo
 ela volta em cada mãe que cruza são paulo carregando um filho nos braços
 os tempos mudam, as mulheres permanecem as mesmas
 não há mãe que não tenha acordado alguma noite só para se certificar de que o ar
 também entra nos pulmões mais frágeis da casa
 não há mãe que não tenha passado alguma vez pelo terror de imaginar que o leite
 secou nos seios
 que não seja capaz de chorar um rio no meio do deserto
 só para dar de beber a uma boca com sede
 meu amor; somos tão sozinhas
 não posso te amar sem ressalvas
 sem lembrar o tempo todo que no fundo só temos umas às outras
 ninguém mais
 nenhuma a menos*

Em seguida, o poema menciona mulheres que na bíblia são retratadas como pecadoras. Primeiro, temos Eva que, segundo o mito da criação, foi criada da costela de Adão, e tomada como sua esposa para servi-lo no paraíso, já que o mesmo ofereceu parte de seu corpo para que ela pudesse existir. A partir desta crença religiosa, Eva cedeu ao pecado quando ingeriu o fruto proibido, o que trouxe resultados negativos à humanidade. Segundo a ideologia cristã, a mulher seria a provedora do pecado e, é por isso que muitas igrejas seguem condenando mulheres e justificando a posse dos homens sobre elas como uma consequência dos erros de Eva. Há também uma discussão em torno da existência de uma primeira mulher de Adão, a Lilith⁷, que, por rejeitar as ordens do marido, foi expulsa do paraíso e demonizada pela igreja católica. Com Agar não foi diferente, pois foi abandonada com o seu filho no meio do deserto, após ter sido

⁷Lilith foi a primeira mulher de Adão, que foi expulsa do paraíso e demonizada pela igreja católica. Ela aparece no mito da criação como a serpente que teria induzido Eva a ingerir o fruto proibido.

abusada, humilhada e reduzida à escravidão por Sara e Abrão, logo depois de ordenarem que ela gerasse um filho para que o casal tivesse um herdeiro.

São tantas narrativas como essas que geram um efeito de natural através das condições ideológicas no contexto religioso e passadas de geração em geração num processo de reprodução/transformação das relações de produção" (PÊCHEUX, 1995, p. 143) que solidificam essas crenças. Assim como na SD a seguir:

SD 06: *não esquecerei joana, queimada em praça pública
a beata lindalva
a virgem maria teresa goretti
não devo esquecer quantos litros de sangue uma mulher deve perder
para que cesse o pulso
e assim sem pulso possa finalmente ser considerada santa pela nossa santa igreja*

Nesses versos, teremos mulheres que foram santificadas por suas virtudes como a virgem Maria, e outras após uma morte trágica como aconteceu com Joana D'arc que foi queimada em praça pública aos seus 19 anos, após a guerra dos cem anos e Teresa Goretti que foi violentada e brutalmente assassinada aos 11 anos de idade. Por isso, há um certo questionamento sobre quantas ainda precisam morrer e ser santificadas para que as mulheres tenham o mesmo respeito e dignidade que é prestado aos homens.

Além disso, a letra minúscula no início de cada nome faz uma relação com o uso dos substantivos comuns e próprios, que provoca um efeito de sentidos sobre as mulheres mencionadas no poema. Dessa forma, elas são vistas como um objeto, tendo os seus corpos violados e violentados, e por isso, apesar de cada uma ter as suas particularidades, todas têm algo em comum porque essas violências poderiam ter acontecido com qualquer uma pelo simples fato de serem mulheres, sendo essa a motivação da denúncia da autora. Logo depois, a autora faz uma reflexão sobre o que poderia ter acontecido com os corpos das mulheres que foram mortas em casos de feminicídio, com o intuito de informar ao leitor que esses casos não devem cair no esquecimento. Vejamos versos a seguir:

SD 07: *tu falas da tua paixão por aves
eu também gosto de observá-las
há noites em que fico mais de hora sentada à soleira da porta, nos fundos de casa
olho o copado da jabuticabeira
a roupa no varal
muitas de nós ainda passam noites em claro pelas mulheres de salém
sou uma delas
sei que é preciso cuidar para que corpos inteiros não sejam comidos da nossa memória*

*se vierem graúnas, em bandos
 e arrancarem a bicadas os fios do seu cabelo, para fazerem ninhos
 se vierem beija-flores e furarem seus olhos, para beberem do rio
 se quiserem levar também os cílios, os pelos do sexo, até lascas de unha - que levem
 mas é preciso cuidar para que pelo menos uma parte do corpo de toda mulher morta
 reste intacta
 o coração
 o projeto de libélula que ardeu em algum dos seus gestos
 o nome
 o silêncio.*

Além disso, “As mulheres de Salém” que são citadas nessa SD, por serem consideradas bruxas, foram executadas por enforcamento em praça pública porque aparentemente ofereciam riscos aos moradores de uma vila em Massachusetts. No entanto, naquele tempo qualquer mulher que não seguisse as regras da igreja católica ou que tivesse comportamentos fora dos tradicionais poderia ser acusada de bruxaria e levada à morte. E essas ilusões de ideais idealistas que “concernem - aparecem determinando o sujeito, impondo-dissimulando-lhe seu assujeitamento sob a aparência da autonomia, isto é, através da estrutura discursiva da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 1995, p. 164). Em todo o caso, independente da classificação dada a elas, é inegável o fato de que seus corpos foram invadidos, silenciados, desrespeitados e alguns até mesmo santificados após as crueldades, como foi dito antes, e mesmo assim, as mulheres seguem morrendo em contextos parecidos com o de tantas outras.

Além disso, o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva. (ORLANDI, 1995, p. 82-83)

Dito isso, esses dizeres se atualizam através da reprodução de discursos que constroem uma imagem para o sujeito-mulher que ganha forma a partir de uma ideologia específica. Por esse motivo, a autora dirá que esses casos se repetem, ainda que com diferentes mulheres. Vejamos:

***SD 08: a mim não cabe amar inadvertidamente
 não posso esquecer as últimas horas de eloá
 o carro em que marielle estava na noite de 14 de março de 2018
 uma mulher a cada duas horas no brasil
 seis mulheres a cada hora no mundo
 não esquecerei micheliny, filha da filha da índia que foi pega no laço - como um animal
 não esquecerei nina, que não esquecerá bruna
 ambas se erguendo da mesma noite***

*não esquecerei bárbara, o olho roxo, a costela trincada
 não esquecerei minha irmã
 minha mãe
 minha avó, morta com um tiro no peito.*

Dessa forma, a SD 08 nos traz algumas mulheres que foram silenciadas para que não pudessem fazer suas denúncias, deixando a justiça nas mãos daqueles que jamais saberão a versão das vítimas. Com isso, temos a vereadora Mariele Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que defendia os direitos humanos fazendo críticas à justiça federal do Rio de Janeiro, o que resultou no seu assassinato em março de 2018, do mesmo modo que Elóia que foi morta aos tiros pelo namorado, após ser sequestrada.

Já Michelliny morreu aos 16 anos logo depois de ser abusada sexualmente e ter os seus órgãos sexuais perfurados durante uma cirurgia por médicos que jamais foram punidos, assim como, no desaparecimento de Bárbara que foi encontrada em uma mata de difícil acesso, sem seus objetos de valor, cheia de marcas no corpo, sendo considerada uma suicida por não haver nenhum suspeito aparente. Além disso, os versos também nos trazem Nina e Bruna que tiveram uma morte premeditada, entre outras mulheres que hoje servem de referências. Mulheres que foram silenciadas em virtude de uma ideologia dominante que gera um sistema opressor amedrontando mulheres que se posicionam reivindicando direitos e dando voz a grupos que jamais tiveram suas demandas atendidas pelo Estado. Por isso, teremos as seguintes informações nos versos a seguir:

*SD 09: tu dizes que me amas, eu digo que te amo mais
 eu te amo mais, meu amor
 porque tu me amas com amor apenas
 mas eu tive que aprender a te amar com ódio*

Na SD 09, ao final do poema, entendemos que a autora tenta desmistificar a ideia de uma utopia romântica, pois é mais fácil para um homem amar uma mulher sem pensar nos riscos que a relação possa trazer do que para uma mulher por conta de uma série de questões que impedem muitas vezes as mulheres de estar em relacionamentos. Além disso, a falta do uso do ponto final no fim do texto nos mostra que os casos mencionados no poema ainda seguem acontecendo porque a ideologia patriarcal persiste. À vista disso, pela análise do *corpus* coletado, conseguimos compreender como se deu a construção desses discursos, tendo as ações sociais como uma reação das mulheres aos casos de violência. Dessa forma, o *Ni una menos* configurou um espaço

discursivo aberto para uma discussão plural de políticas que atendessem às reivindicações das mulheres na Argentina e no mundo, incorporando assim diferentes posições-sujeito que se constroem dentro de uma FD feminista.

4.2.3 “Un Violador En Tu Camino”: A performance da coreografia *Las Tesis*

Analisaremos, nesta seção, a coreografia *Las Tesis*, que surgiu após uma onda de protestos no Chile na luta contra o machismo, o patriarcado e a violência contra as mulheres. Dessa forma, alia-se ao movimento *Ni una menos*, pois retoma incorporando assim diferentes posições-sujeito que se constroem dentro de uma FD feminista através das mobilizações.

Dito isso, a coreografia feita para a música com o título “Un Violador En Tu Camino”⁸ foi apresentada pela primeira vez em 20 de novembro nas ruas de Valparaíso, em meio a uma série de intervenções promovidas por um grupo de teatro local, conhecido como Coletivo *Las Tesis*. A partir disso, o movimento se popularizou em todo o mundo, inclusive na Argentina, tendo sua apresentação realizada em Buenos Aires no dia 22 de novembro, se tornando um hino feminista por fazer denúncias e expor “suas teses”. Com isso, através do corpo em protesto as mulheres realizam uma performance, tomando o corpo performático como um acontecimento artístico-discursivo que produz sentidos em sua discursividade:

ao mesmo tempo como produtor e obra, artista e arte, sujeito, no/do discurso e sobre o discurso artístico - que em sua constituição, formulação, circulação, enfim, em seu funcionamento artístico, também afeta os dizeres possíveis para o/no artístico, o/no artista e sua obra. (LARA, 2008, p. 196)

Dito isso, podemos encontrar, a partir dessas materialidades, um discurso de militância que faz com que o corpo assuma um “papel fundamental na constituição da subjetividade contemporânea, produto de uma ideologia que mantém as divisões por detrás da imagem de unificação” (RADDE, 2013, p. 2), o que produz sentidos através das “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 80) em que esses discursos se realizam. Dessa forma, através da performance haverá momentos da coreografia e da música em que ela estará mais mais cadenciada e outros de protesto, pois a performance também tem a ver com a forma como o corpo se posiciona politicamente na rua, por ser o lugar onde a mulher estaria mais vulnerável ao assédio e ao estupro. Assim, no recorte a seguir encontraremos os

⁸ Este texto se encontra no Anexo B (página 58).

seguintes versos:

*SD 10: El patriarcado es un juez
que nos juzga por nacer,
y nuestro castigo
es la violencia que no ves.
El patriarcado es un juez
que nos juzga por nacer,
y nuestro castigo
es la violencia que ya ves.
Es femicidio.
Impunidad para mi asesino.
Es la desaparición.
Es la violación.*

SD: 11



Fonte: Retirada do Youtube⁹ (2019)

Portanto, na música é trazido ideologia do patriarcado que constrói um imaginário sobre a mulher sendo inferiorizada com relação aos homens, através da FD machista. Nesse caso, há um fortalecimento do discurso sobre a violência de gênero que nem sempre é reconhecida pela sociedade. Por esse motivo, as mulheres por meio da performance usam vendas, a maioria preta, cobrindo os olhos para representar a cegueira do Estado a respeito da violência sofrida pelas mulheres.

Em seguida, é colocado em pauta sobre os casos de feminicídio e o desaparecimento de muitas mulheres, junto à acusação referente à ideologia do patriarcado que julga e pune as mulheres por serem consideradas inferiores aos homens. Além disso, nesta parte da música, as manifestantes se agacham, como é mostrado na SD 11, a fim de representar os casos de abuso por parte de policiais que forçam alguns detidos a fazer agachamentos sem as suas roupas em meio às manifestações, evidenciando o abuso de autoridade através das humilhações aos seus corpos. Nos versos seguintes, temos duas

⁹ Este vídeo se encontra no canal "Colectivo Registro Callejero" no You Tube.

construções a partir do recorte de análise, uma no original que está em castelhano, e outra em espanhol que é a que foi cantada em Buenos Aires.

SD 12: *Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.
Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.
Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.
Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.*

SD 13: *No fue culpa mía, dondequiera que me lo pusiera.
No fue culpa mía, dondequiera que me lo pusiera.
No fue culpa mía, dondequiera que me lo pusiera.
No fue culpa mía, dondequiera que me lo pusiera.*

Com isso, em sua tradução os versos podem se apresentar da seguinte forma na SD 12: *Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía* (não foi minha culpa, nem onde eu estava ou como me vestia) indicando que independente do contexto situacional, a culpa não será da vítima, enquanto na SD 13 temos o verso a seguir: *No fue culpa mía, dondequiera que me lo pusiera* (Não foi minha culpa, onde quer que eu me coloque). Com isso, é trazido um sentido de lugar ao qual a mulher é colocada em um determinado espaço para que o ato de estupro aconteça. Dessa forma, estas SDs atribuem efeitos sentidos, a partir da mudança de alguns termos que se atualizam quando a tradução é feita. A partir disso, os versos estabelecem uma relação com o que a Marcha das Vadias propõe sobre a culpabilização da vítima pela violência sofrida, na qual, o estupro é inocentado tendo como recurso o termo que foi denominado atualmente como “estupro culposo”, e que surge a partir da afirmação de que o estupro não tinha intenção de matar. Nesse caso, as mulheres mostram “os corpos e mobilizam enunciados a fim de desestabilizar esse efeito de evidência de sentido proveniente de uma formação discursiva machista e que parece persistir no imaginário social contemporâneo” (RADDE, 2013, p. 3). Esse cenário se dá por conta de algumas decisões governamentais que garantem a impunidade do agressor. Vejamos:

SD 14: *El violador eres tú.
El violador eres tú.
Son los pacos,
los jueces,
el Estado,
el Presidente.*

SD: 15



Fonte: Retirada do Youtube (2019)

Por meio da performance, as mulheres apontam o dedo em diferentes direções, conforme nomeiam os agressores, sendo estes os homens, os juízes por serem uma autoridade pública que tem poder para julgar através da justiça, o presidente que assume a função de principal articulador das vontades da população, e por fim o Estado que na música é comparado a um “macho violador”, sendo direcionada a posição do dedo para todos os lados, devido à diversidade dos AIE que oprimem as mulheres em prol da permanência de seus privilégios, que é “assegurada pelo exercício do poder de Estado nos Aparelhos de Estado, no aparelho (repressivo) de Estado, por um lado, e nos Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1980, p. 54). Dessa forma, a questão de apontar o dedo também pode ser considerada uma interpelação direta à culpabilização dada à vítima. Com isso, através da dança, elas simbolizam a liberdade sobre essa impressão de culpa moralmente fornecida por esses diferentes grupos que se colocam em uma posição de dominância, como é apresentado na SD abaixo.

***SD 16: El Estado opresor es un macho violador.
El Estado opresor es un macho violador.
El violador eres tú.
El violador eres tú.***

SD: 17



Fonte: Retirada do Youtube (2019)

O termo “violador” no português permanece o mesmo, mas produz um efeito de sentido diferente, como alguém que é agressivo com a vítima, enquanto o termo em espanhol expressa o ato de esturpo. Além disso, há um silenciamento do Estado que violenta as mulheres por conta da proteção que é dada ao agressor, e pela injustiça e exposição que a vítima sofre. Por isso, durante a dança, as mulheres mostram o punho cerrado no braço erguido como forma de resistência, sendo este o símbolo de diversas lutas de esquerda. Dessa forma, essas representações:

mudam de sentidos segundo as posições sustentadas por aqueles que as emprega, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

Com isso, novos sentidos são atribuídos a partir da existência desse símbolo de resistência que serve de referência para outros movimentos. Outra questão levantada por meio da performance, é sobre os casos de estupros que ocorrem dentro do lar, que deveria ser o espaço mais seguro para muitas meninas, e que acaba sendo um lugar de tormento e gerador de traumas, como é indicado na sequência discursiva a seguir:

***SD 18:** Duerme tranquila, niña inocente,
sin preocuparte del bandolero,
que por tu sueño dulce y sonriente
vela tu amante carabinero.*

Na SD 18, observamos que esses casos confirmam que não importa a idade, a estrutura corporal da vítima ou roupa, o ato de estupro é uma violência injustificável e que nos direciona a pensar novamente sobre a questão da legalização do aborto legal e seguro, no qual as vítimas são obrigadas a ter um filho fruto desses casos de violência. E mais uma vez, esses são os motivos da opressão às mulheres, em que é negado o direito delas decidirem sobre o seu próprio corpo.

Por fim, a forma de protesto adotada acabou sendo parte de um espetáculo performático, tornando-se "viral", justamente para provocar essa impressão de singularidade, isso porque a violência contra mulher é sistemática, assim como, a sociedade sofre a partir de estruturas de um Estado opressor. E esse grito de militância permite reunir grupos de mulheres e até mesmo de partidos políticos contra um inimigo que é abstrato. Por isso, a performance saiu das mãos do coletivo e foi apropriada por outras¹⁰ manifestações pela América Latina e pelo mundo. Dessa forma, as argentinas

¹⁰No Brasil, houve a versão em português que aconteceu na capital paulista, Bahia, Porto Alegre e no Rio de Janeiro, sendo organizado por mulheres da Cinelândia.

que fizeram sua versão, através do corpo e da linguagem que funcionam como “lugares de resistência do sujeito contemporâneo, onde efeitos de sentidos se constroem e se dissimulam, permitindo ver as direções opostas que se entrecruzam e marcam a contradição constitutiva desse sujeito” (RADDE, 2013, p. 3), partir das materialidades que permitem visualizar essa contradição que é posta através da sua opacidade possibilitando a produção de novos sentidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo geral deste trabalho, que consistia em verificar como se produz o discurso de resistência na formação discursiva que se vincula ao movimento *Ni una menos*, foi possível observar o modo de funcionamento do discurso militante que aparece nas manifestações, a partir das materialidades selecionadas no *corpus* de análise. Dessa forma, conseguimos desencadear algumas reflexões sobre os “efeitos de sentidos” produzidos por um determinado grupo de mulheres.

Para a compreensão desses discursos, recorreremos à historicidade em torno das lutas das mulheres contra a ideologia patriarcal a partir de movimentos que foram fundamentais para a constituição do que conhecemos na atualidade como o movimento feminista. Assim, através das “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 133) conseguimos reconhecer os possíveis sentidos produzidos pelos discursos que acontecem dentro da FD em que esse grupo de mulheres se inserem. Com isso, por meio da análise das materialidades pudemos notar como ocorre um acontecimento discursivo, pois este:

faz trabalhar a memória do dizer, a estrutura, o repetível, provocando um reordenamento no que pode ser dito: o que antes era da ordem do não-dito, do impensável aparece, agora, como o que pode/deve ser dito. (INDURSKY, 2003, p. 116)

Nesse caso, temos o imaginário já construído sobre as mulheres, e através das reproduções desses discursos, há uma atualização nos dizeres que se deslocam através das condições de produção formando uma nova FD que se opõe a outra já existente. Nessa perspectiva, consideramos que a FD feminista surge desse acontecimento, e as manifestações serão o modo como o discurso de resistência que está na militância funciona, e isso nos mostra o quanto esses discursos repercurtem partir dos movimentos, se manifestando por meio da arte em forma de poema, na performance e até mesmo na construção de frases impactantes como as que aparecem nos cartazes.

Dessa forma, as modificações nos discursos da FD feminista se tornam visíveis quando comparamos esses modos de se manifestar com os das sufragistas, pois, na época, só o fato das mulheres estarem na rua com cartazes lutando pelos seus direitos era considerado um ato chocante, já que o lugar da mulher deveria ser dentro de casa cuidando do lar e da família. Com isso, os discursos analisados são constituídos pela FD das artes que se insere na FD feminista instaurando uma nova posição-sujeito que se relaciona com o político e o artístico por meio das manifestações, mudando a forma de

dizer, na qual os efeitos de sentidos se “instauram no processo discursivo em circulação em que este enunciado se inscreve” (INDURSKY, 2003, p. 108), fazendo com que haja um acontecimento enunciativo. Isso ocorre porque há uma forma-sujeito que regula essa FD em busca de respeito e igualdade de gênero, e isso se mantém em todos os movimentos de mulheres, configurado pela FD feminista que poderá articular os seus modos de se manifestar através da arte, gerando assim a posição-sujeito artística.

Dito isso, esse discurso de resistência que se torna militante se manifesta em forma de arte, fazendo com que o sujeito seja levado a construir um novo imaginário através de imagens “não são fixas” (BRUM, 2019, p. 260) que se alteram conforme as condições de produção. Assim, a reprodução desses discursos através dos movimentos faz com que os dizeres se alterem sempre em sua circulação porque o seu funcionamento também sempre estará em curso.

Portanto, finalizamos esse trabalho a partir da compreensão de que o surgimento da FD feminista não apaga a existência da FD machista, já que ela continua produzindo discursos na medida em que a FD feminista estará sempre em resistência. Em vista disso, acreditamos que a reflexão realizada em nosso trabalho foi de grande importância porque os casos de feminicídios seguem virando estatísticas, assim como as mulheres continuam buscando novas formas de se manifestar contra a ideologia patriarcal.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. França no Brasil, 13 de janeiro de 2017. Disponível em:

<<https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao>>.

Acesso em: 21 de setembro de 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado.** Editora esperança, Lisboa, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo:** Fatos e mitos. Editora: Difusão européia do livro, São Paulo: 1970.

BECKER, Mar. **A mulher submersa.** São Paulo: Editora Urutau, 1 de janeiro de 2020.

BOTO, Carlota. **Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita:** o relatório de Condorcet. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 24, n. 84, p. 735-762, setembro de 2003.

BRUM, Janaina. **Pensar a arte na análise de discurso:** Uma análise n'ó fantasma da liberdade. Ling. (dis)curso, Tubarão, vol.19 no.2, p. 255-272, May/Aug. 2019.

CONSOLIM, Veronica. **Segunda onda feminista: desigualdade, discriminação e política das mulheres.** Justificando, 2017. Disponível:

<<https://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminacao-e-politicas-das-mulheres/#:~:text=As%20feministas%20da%20segunda%20onda,de%20estruturas%20de%20poder%20sexista>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

DEL PRIORE, Mary. **No século das Luzes, mulheres à sombra.** Acervo Revista do Arquivo Nacional. V.4, n. 1, janeiro. Junho de 1989.

DYNIWICZ, Luciana. **Milhares repudiam violência contra mulheres em marcha em Buenos Aires.** Folha de S. Paulo, 03 de junho de 2016. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/mundo/2016/06/1778147-milhares-repudiam-violencia-contramulheres-em-marcha-em-buenos-aires.shtml>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

Emmeline Pankhurst. Uol, 2015. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/biografias/emmeline-pankhurst.htm>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana. **Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico:** A problemática dos procedimentos metodológicos da análise do discurso. Ling. (dis)curso, Tubarão, vol.19 no.1, 2019.

GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras:** moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16. Brasília, janeiro - abril, p. 193-210, 2015.

INDURSKY, Freda. **O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira.** Revista da Anpoll, v. 1, n.

INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, v. 16, n. 32-33, 2002.

INDURSKY, Freda. **Lula Lá: Estrutura e acontecimento.** Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

LARA, Renata Marcelle. **Corpo performático como acontecimento artístico-discursivo.** Linguagem em (Dis)curso, vol.19, n.3, pp.401-4177, set./dez. 2019.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Análise do discurso e suas interfaces: O lugar do sujeito na trama do discurso.** Revista do instituto letras da Furg, v. 24, n. 48, 2010.

Mi cuerpo no pide tu opinión. Dejame caminar tranquila! Pinterest, 03 de junho de 2016. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/601652831453159578/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

MIRANDA, Anadir. **Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento iluminista a respeito dos direitos das mulheres.** Revista Vernáculo, n. 26, p. 109-164, 2010.

Mulher em imagens. Huffpost, 09 de março de 2010. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/8m-2020_br_5e66388cc5b6670e72fb638f>. Acesso em: 23 de setembro de 2020.

8M: manifestações em todo o país marcam dia internacional de Luta das Mulheres. Opera Mundi, 2021. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/68818/8m-manifestacoes-em-todo-o-pais-marcam-dia-internacional-de-luta-das-mulheres>>. Acesso: 10 de abril de 2021.

NASCIMENTO, Isabel. **Introdução Básica ao Feminismo- Feminismo Radical.** Todas Fridas, 2017. Disponível: <<https://www.todasfridas.com.br/2017/01/09/introducao-basica-ao-feminismo-feminismo-radical/>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

NOWELL, Cecilia. **Ni Una Menos da Argentina muda o foco para crise econômica e aborto.** Aljazeera, 03 de junho de 2019. Disponível em: <<https://allworldreport.com/world-news/argentinas-ni-una-menos-turns-focus-to-economic-crisis-abortion/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos.** Campinas, SP. Editora Pontes, 2012.

O que são as ondas do feminismo? Gfemista, 03 de maio, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092>>

dae3a>. Acesso em: 21 de setembro.

PARODI, Camila. FINK, Nadia. **NiUnaMenos**: quando o mundo anda com os pés das mulheres. Brasil de fato, 05 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/06/05/niunamenos-quando-o-mundo-anda-com-os-pes-das-mulheres>>. Acesso em: 23 de setembro.

PAIS, Ana. **'O estupro é você'**: o que pensam as criadoras do hino feminista que virou fenômeno global. BBC, 09 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-50711095>>. Acesso em: 23 de setembro de 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 2 edição. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1995.

Performance colectivo Las Tesis "Un violador en tu camino". Colectivo Registro Callejero. Centro de Santiago: Registro y edición: NOA, 25 de novembro 2019. (3 min e 43 segundos). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4&t=37s>>. Acesso em: 21 de Outubro. Acesso: 10 de março, 2020.

RADDE, Augusto. **Corpo e resistência(s) na constituição do sujeito: O discurso do corpo na Marcha das Vadias**. UFRGS, 2013. Disponível em: <https://ucpel.edu.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/104.pdf>. Acesso em: 21 de Outubro. Acesso: 20 de novembro, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**- Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Cristina. **“As mudas romperam o silêncio” Discurso Ecológico e o Movimento Campesino**. Dissertação (Mestrado) curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação - Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 7 de abril de 2009.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; TFOUNI, Leda Verdiani. **O discurso do conflito materializado no MST**: a ferida aberta na nação. São Carlos, Editores: Pedro e João, 2002.

SOARES, Martins. **A relação entre maio de 68 e o estruturalismo**. Revista Ideias, 2005, Santa Maria, Edição Especial I, p. 34-40, jan/jun de 2005.

SOUSA, Lucília Maria. **O discurso do conflito materializado no MST**: a ferida aberta da nação. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil**: Um Debate. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, março de 2007.

7. ANEXOS

ANEXO A - Poema “Nenhuma amenos” da autora Mar Backer

amar o homem que tu és
 amar o homem que tu és apesar do homem
 amar sabendo que um homem pode se dar ao luxo de se perder no amor - mas não uma
 mulher
 nunca uma mulher
 amar-te, meu amor
 mas sem esquecer que a mulher de nós dois sou eu
 eu não posso me esquecer das tantas outras
 não posso esquecer eva
 não posso esquecer agar atravessando o deserto com ismael no colo
 ela volta em cada mãe que cruza são paulo carregando um filho nos braços
 os tempos mudam, as mulheres permanecem as mesmas
 não há mãe que não tenha acordado alguma noite só para se certificar de que o ar
 também entra nos pulmões mais frágeis da casa
 não há mãe que não tenha passado alguma vez pelo terror de imaginar que o leite secou
 nos seios
 que não seja capaz de chorar um rio no meio do deserto
 só para dar de beber a uma boca com sede
 meu amor, somos tão sozinhas
 não posso te amar sem ressalvas
 sem lembrar o tempo todo que no fundo só temos umas às outras
 ninguém mais
 nenhuma a menos
 não esquecerei joana, queimada em praça pública
 a beata lindalva
 a virgem maria teresa goretti
 não devo esquecer quantos litros de sangue uma mulher deve perder
 para que cesse o pulso
 e assim sem pulso possa finalmente ser considerada santa pela nossa santa igreja.
 tu falas da tua paixão por aves
 eu também gosto de observá-las

há noites em que fico mais de hora sentada à soleira da porta, nos fundos de casa
olho o copado da jabuticabeira
a roupa no varal
muitas de nós ainda passam noites em claro pelas mulheres de salém
sou uma delas
sei que é preciso cuidar para que corpos inteiros não sejam comidos da nossa memória
se vierem graúnas, em bandos
e arrancarem a bicadas os fios do seu cabelo, para fazerem ninhos
se vierem beija-flores e furarem seus olhos, para beberem do rio
se quiserem levar também os cílios, os pelos do sexo, até lascas de unha - que levem
mas é preciso cuidar para que pelo menos uma parte do corpo de toda mulher morta
reste intacta
o coração
o projeto de libélula que ardeu em algum dos seus gestos
o nome
o silêncio.
a mim não cabe amar inadvertidamente
não posso esquecer as últimas horas de eloá
o carro em que marielle estava na noite de 14 de março de 2018
uma mulher a cada duas horas no brasil
seis mulheres a cada hora no mundo
não esquecerei micheliny, filha da filha da índia que foi pega no laço - como um animal
não esquecerei nina, que não esquecerá bruna
ambas se erguendo da mesma noite
não esquecerei bárbara, o olho roxo, a costela trincada
não esquecerei minha irmã
minha mãe
minha avó, morta com um tiro no peito.
tu dizes que me amas, eu digo que te amo mais
eu te amo mais, meu amor
porque tu me amas com amor apenas
mas eu tive que aprender a te amar com ódio

ANEXO B - Música: “Un Violador En Tu Camino”

El patriarcado es un juez
que nos juzga por nacer,
y nuestro castigo
es la violencia que no ves.

El patriarcado es un juez
que nos juzga por nacer,
y nuestro castigo
es la violencia que ya ves.

Es femicidio.

Impunidad para mi asesino.

Es la desaparición.

Es la violación.

Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.

Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.

Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.

Y la culpa no era mía, ni dónde estaba ni cómo vestía.

El violador eras tú.

El violador eres tú.

Son los pacos,

los jueces,

el estado,

el Presidente.

El Estado opresor es un macho violador.

El Estado opresor es un macho violador.

El violador eras tú.

El violador eres tú.

Duerme tranquila, niña inocente,
sin preocuparte del bandolero,
que por tu sueño dulce y sonriente
vela tu amante carabinero.

El violador eres tú.

El violador eres tú.

El violador eres tú.

El violador eres tú.